

Cães e Gatos 40 anos

MEDICINA VETERINÁRIA

www.caesegatos.com.br

DC7
COMUNICA

Ano 41
nº 305
Jan/2025

ESPECIALIDADE
O MANEJO DO
AMBIENTE EM CASO
DE OSTEOARTRITE

CLÍNICA MÉDICA
VIRA-LATAS SÃO
IMUNES A DOENÇAS?

**REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**
BOTULISMO EM
CÃES E GATOS

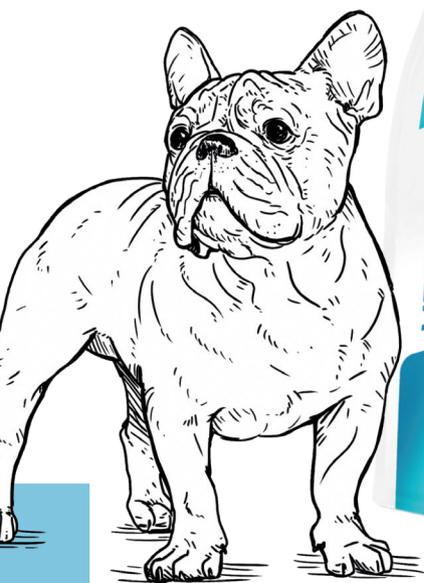
LEISH MANI OSE

ATUALIZAÇÕES E FERRAMENTAS
ESSENCIAIS PARA O CONTROLE DESTA
IMPORTANTE ZOOSE NO BRASIL

FÓRMULA NATURAL



VET CARE



Desenvolvida por médicos-veterinários sob os conceitos mais avançados de nutrição para cães e gatos enfermos que necessitam de dietas especiais.

GASTROINTESTINAL

Fórmula Natural Vet Care Gastrointestinal é um alimento coadjuvante desenvolvido para auxiliar no tratamento de cães adultos e filhotes com distúrbios gastrointestinais.

Este produto não substitui o tratamento convencional.

Alimento seco
Cães

2kg

10,1kg



Contribui para o equilíbrio da microbiota intestinal, por meio da ação entre prebióticos, probióticos e fibras especiais, que ajuda a restabelecer o equilíbrio intestinal.



Favorece a digestão e absorção, pois contém uma combinação de ingredientes de alta digestibilidade.



Colabora na reposição de nutrientes essenciais, pois é formulado com vitamina B12 e triptofano, nutrientes comumente deficientes em distúrbios gastrointestinais.



Auxilia no combate aos radicais livres, devido a inclusão de antioxidantes naturais em sua composição.

Conheça a linha completa Fórmula Natural Vet Care



www.formulanatural.com.br

[f](#) [i](#) @formulanaturaloficial

**CEO**

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

EDITORA CHEFE

Sthefany Lara (MTb. 81.112)
sthefany@dc7comunica.com.br

EDITORA WEB

Cláudia Guimarães (MTb. 81.558)
claudia@dc7comunica.com.br

REPÓRTER WEB

Matheus Oliveira
matheus@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes (MTb. 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

**EXECUTIVOS
DE NEGÓCIOS**

Luiz Carlos
luiz@dc7comunica.com.br

**ADMINISTRATIVO E
GERENTE DE OPERAÇÕES
ESTRATÉGICAS**

Tatiane Amor
tatiane@dc7comunica.com.br

FINANCEIRO

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

**COLABORADORES
DESTA EDIÇÃO**

Ana Purchio, Ana Sílvia Dagnone,
Erika Pereira, Isabella Fernandes do
Nascimento, Joice Lara Maia Faria,
José Luiz Tejon, Leticia Warde Luis
e Monique Paludetti

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

A Revista Cães&Gatos (ISSN 0103-278X) é uma publicação brasileira e mensal. Seu conteúdo editorial é focado na profissionalização do mercado pet. Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total dessa publicação, por qualquer meio, sem prévia autorização da editora, sob as penas de Lei registrada no Regime Especial DRT-1 nº 011391/90. Periodicidade: Mensal



MAIS UM ANO E UM MESMO COMPROMISSO

Iniciamos 2025 com o compromisso de sempre: ser uma fonte confiável e atualizada para os médicos-veterinários e zootecnistas. Este ano, mais do que nunca, vamos reforçar o papel essencial da prevenção na saúde de cães, gatos e animais selvagens.

Nesta primeira edição do ano, trazemos uma reportagem especial sobre leishmaniose, uma doença complexa e preocupante, que exige atenção redobrada. A matéria foi enriquecida com informações valiosas coletadas durante o Brasileish, um dos principais eventos do País voltado para a atualização e troca de conhecimento sobre essa zoonose. Com dados recentes, diretrizes e práticas eficazes de controle e tratamento, nosso objetivo é munir você, profissional da saúde animal, com o melhor conteúdo para enfrentar os desafios do dia a dia.

Ao longo do ano, seguiremos firmes com pautas que refletem as necessidades do setor, valorizando a ciência, a prática veterinária e o bem-estar animal. Que 2025 seja um ano de grandes conquistas, aprendizado contínuo e de muitos avanços em prol da Medicina Veterinária e da Zootecnia.

Um feliz 2025 e, mais uma vez, uma boa leitura!

Sthefany Lara
Editora



» NO MIOLO

| PETBUSINESS

06 > FÉRIAS SEM PARASITAS

A importância de proteger os pets antes das viagens

07 > EM DEFESA DO SUS E DA SAÚDE ÚNICA

Médico-veterinário faz parte do CNS

08 > MITOS E VERDADES

Conheça o que se pensa sobre os gatos

| VETERIANÊS

12 > DESAFIOS E PERSPECTIVAS

O que já sabemos e o que há de novo sobre leishmaniose visceral?

22 > CÃO DE FERRO?

Os vira-latas são mais fortes que as demais raças?

26 > ALERTA AMARELO

Conheça mais sobre a síndrome do vômito bilioso

| MERCADO

20 > ESPERANÇA RENOVADA

Ceva Saúde Animal lança o MARBOX-LEISH

| OUTROS AUTORES

34 > ALIMENTAÇÃO PERSONALIZADA

A importância da nutrição correta em cada fase de vida

38 > REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Botulismo em cães e gatos

46 > PREGUIÇA DE CATIVEIRO

Entenda sobre a dermatite úmida na espécie

| IN LOCO

42 > CRESCENDO EM TAMANHO E MISSÃO

Dechra Saúde Animal expande planta no Paraná

| PONTO FINAL

50 > RESULTADOS NOTÁVEIS

Chihuahua recebe tratamento hormonal para nanismo

| SEÇÕES

- > Editorial 3
- > On-line 5
- > Coluna do Tejon 9

28

CUIDADO E CONFORTO

Para felinos com osteoartrose, é necessário adaptar o ambiente



CORES - E TEMAS - IMPORTANTES!

CHEGAMOS ao primeiro mês de 2025, mas, como neste espaço sempre trazemos os destaques do mês anterior do nosso portal de notícias, relembramos, aqui, os conteúdos focados nas campanhas **Dezembro Verde**, que trata sobre o combate aos maus-tratos e abandono dos animais de companhia; e **Dezembro Laranja**, que conscientiza a população sobre o câncer de pele.

Sobre os direitos dos animais, conversamos com a médica-veterinária Emilyn Diorgi, da Clínica Veterinária Diorgi (Jaú-SP), que salientou os cuidados ao adotar animais resgatados e como identificar maus-tratos. Segundo ela, sinais físicos como lesões e emagrecimento progressivo, além de comportamen-

tos como medo excessivo, tremores e agressividade, podem indicar abuso. Ela enfatiza que os maus tratos incluem não apenas agressões físicas, mas também a falta de cuidados básicos e assistência veterinária adequada.

Já sobre o câncer de pele, falamos com o médico-veterinário Paulo Roberto Martin, que atua em Oncologia e Cirurgia Veterinária, e participa da equipe clínica da VetSo, MasterCat e Horus Tecnologia Veterinária. Ele destacou que o câncer de pele é comum em animais de estimação de países tropicais devido à exposição ao sol, fatores genéticos e estilo de vida. Os principais sinais incluem aumento de volume localizado, perda de



pelagem, disfunção sanguínea e odor fétido. Ele ainda alertou que algumas raças, como golden retriever, bulldog francês, pug e boxer, têm predisposição para mastocitomas, enquanto pitbulls são suscetíveis ao carcinoma espinocelular devido à exposição solar. Evitar cruzamentos entre animais com histórico de neoplasias ajuda a reduzir a incidência da doença. ■



Cães e Gatos Verão

MUITAS pessoas viajam para aproveitar o verão e as férias. Isso inclui uma série de planejamentos e o cuidado com os pets deve ser um dos itens da lista. Pensando nisso, nosso portal de notícias trará, no projeto **Cães e Gatos Verão**, uma série de matérias especiais dedicadas a tutores que planejam viajar seja ao lado de seus pets ou garantindo que, enquanto os humanos cur-

tem, os animais também recebem um tratamento especial em um hotelzinho.

Vamos compartilhar dicas práticas para garantir a saúde e o bem-estar de cães e gatos, desde cuidados essenciais com alimentação e hidratação até sugestões para manter o conforto e a segurança nos deslocamentos. ■

Fique ligado em caesegatos.com.br!





DESCANSO

Férias sem parasitas

TÃO AGUARDADAS, as férias de final de ano são, tradicionalmente, períodos perfeitos para viagens em família. Entretanto, o que tem de tudo para ser motivo de alegria pode resultar em dor de cabeça para a saúde dos animais e das pessoas. Isso porque ter os cães na programação das férias aumenta o risco de infecção por parasitas em locais infestados.

“Existe uma infinidade de possibilidades de os cães se contaminarem, pois uma grande variedade de parasitas pode acometê-los, principalmente quando se encontram mais expostos a fontes externas de infecção. Como, por exemplo, o *Toxocara canis* – um parasita nematódeo onde, seus ovos com a forma larval infectante presentes no ambiente são ingeridos, ocorrendo a eclosão no intestino delgado do cão e o deslocamento das larvas via corrente sanguínea, o que gera graves problemas em cães de todas as fases: adultos, fêmeas gestantes, nos fetos e em filhotes recém-nascidos em período de lactação”, explica a médica-veterinária e promotora técnica

de Animais de Companhia da Vetoquinol Saúde Animal, Patrícia Guimarães.

“Além disso, o *Toxocara canis* possui potencial zoonótico, ou seja, é possível que humanos também se contaminem, resultando em sintomas como febre, dor abdominal e lesões cutâneas. Em casos mais graves, a larva migrans visceral pode afetar fígado, pulmões, cérebro e os olhos das pessoas”, completa a médica-veterinária.

Já o *Ancylostoma caninum* é uma outra zoonose conhecida como larva migrans cutânea ou, de nome popular, bicho geográfico. Os cães se contaminam através da ingestão ou por meio da penetração de larvas na pele, presentes também no ambiente. Qualquer que seja a via de transmissão, as larvas migram por importantes órgãos, finalizando o seu ciclo evolutivo em vermes adultos

no intestino, onde o animal infectado pode eliminar milhões de ovos de *Ancylostoma* diariamente, contaminando diversos ambientes. Estes dois parasitas podem afetar adultos e crianças, principalmente, já que elas interagem muito mais nos ambientes através das brincadeiras e também se divertem bastante com os animais, principalmente durante o período de férias.

Patrícia alerta que, de forma imediata ao retorno das viagens, os cães devem ser vermifugados. “É importante que o tutor leve o animal ao médico-veterinário para a realização de exames e a determinação do antiparasitário mais adequado para o tratamento da infecção, já que os vermífugos não atuam de forma profilática, prevenindo a contaminação por vermes”.

Uma das principais soluções do mercado em vermífugos para cães é Ciurex Plus Suspensão.

Desenvolvido pela Vetoquinol Saúde Animal,

Ciurex Plus Suspensão possui amplo espectro de ação contra os principais nematódeos e cestódeos. Seus três princípios ativos pirantel, oxiantel e praziquantel são seguros para o tratamento de cães de todas as idades e sua seringa dosadora facilita as administrações realizadas pelo tutor. ■

PARA QUE O PERÍODO DE DESCANSO SEJA MELHOR APROVEITADO, É NECESSÁRIO QUE OS ANIMAIS ESTEJAM VERMIFUGADOS



ALERTA

Atenção redobrada à saúde

O VERÃO, sinônimo de diversão ao ar livre, também é uma época de alerta para doenças parasitárias em pets. Altas temperaturas e chuvas aumentam a proliferação de mosquitos, pulgas e carrapatos, vetores de enfermidades como a dirofilariose, conhecida como "doença do verme do coração", e a erliquiose, transmi-

tida por carrapatos. Além disso, infestações de pulgas podem causar dermatites e transmitir o *Dipylidium caninum*, enquanto verminoses gastrointestinais são mais comuns devido ao clima úmido.

A médica-veterinária, gerente de Produto da Unidade de Animais de Companhia da Ceva Saúde Animal, Marina Tiba, recomenda prevenção rigorosa com antiparasitários, repelentes e cuidados no ambiente. "A proteção integrada é essencial para a saúde do animal e da família", alerta. A atenção redobrada no verão garante mais segurança e bem-estar para os pets.

CALOR

É seguro para o pet?

ASSIM como os seres humanos, nossos pets também sentem os impactos das altas temperaturas, características da última estação do ano. Com isso, muitos tutores recorrem à utilização de ar-condicionado para refrescar suas residências, causando uma dúvida comum entre eles: qual o efeito do seu uso na saúde dos pets?

Segundo a médica-veterinária e gerente Técnica da área de Pets da Boehringer Ingelheim, Karin Botteon, a utilização desse equipamento deve ser realizada com cautela para não trazer malefícios à saúde do animal. "De maneira geral, o ar-condicionado não faz mal. O principal risco está em criar um ambiente com uma temperatura muito baixa, o que pode causar desconforto ou até mesmo problemas de saúde para os animais", comenta a profissional.

Pensando nisso, a médica-veteri-

nária separou quatro dicas essenciais que devem ser adotadas pelos tutores para garantir que os pets aproveitem os benefícios do equipamento, sem riscos à saúde:



Regule a temperatura: mantenha o ambiente em uma temperatura agradável, entre 22 e 25 graus, evitando extremos;



Evite correntes de ar-direto: posicione o pet longe do fluxo direto do ar-condicionado para evitar desconforto ou resfriados;



Faça a manutenção periódica: limpe os filtros regularmente para manter o ar limpo e evitar problemas respiratórios;



Evite oscilações bruscas de temperatura: transições entre ambientes muito quentes e frios podem causar estresse térmico no animal.

O tutor também deve ficar atento aos sinais de seus pets, que podem apresen-

CFMV

Em defesa do SUS e da Saúde Única

O CONSELHO Federal de Medicina Veterinária (CFMV) fortalece sua atuação em políticas públicas de saúde com a posse do médico-veterinário João Alves como conselheiro titular no Conselho Nacional de Saúde (CNS). Representando a Medicina Veterinária e a Zootecnia, a participação do CFMV reflete o compromisso do Sistema CFMV/CRMVs com a construção de um Sistema Único de Saúde (SUS) mais eficiente e alinhado ao conceito de Saúde Única.

O CNS deu posse à mesa diretora para o mandato 2024-2027 em cerimônia realizada em Brasília. Órgão vinculado ao Ministério da Saúde, o Conselho é responsável por fiscalizar e propor diretrizes para as políticas públicas de saúde. Composto por 48 conselheiros titulares e suplentes, o colegiado promove ampla participação social e diversificada. A renovação para o triênio 2024-2027 consolida a presença de diferentes segmentos da sociedade no debate sobre saúde pública no Brasil. A posse reafirma o papel do CFMV na defesa do SUS e da democracia, com contribuições relevantes para o futuro da saúde pública no País.

tar traços característicos quando estão passando por um episódio de estresse térmico. A respiração ofegante, salivação excessiva, aumento da frequência cardíaca, agitação e letargia estão entre os sintomas mais frequentes entre cães e gatos quando estão sentindo muito calor.

Por fim, Karin Botteon reforça que o ar-condicionado pode trazer benefícios, se tornando um ótimo aliado para a saúde de seu pet durante o verão. "O equipamento pode ser um grande aliado para o bem-estar de seu pet. Ajustar a temperatura e manter a manutenção em dia são passos simples que fazem toda a diferença para o conforto e a saúde de toda família", finaliza.

GATOS

Mitos e verdades

OS GATOS são animais que despertam curiosidade e encantam. Com personalidades misteriosas e características únicas, esses animais rapidamente conquistaram um lugar especial ao lado das pessoas. Apesar dessa longa convivência, muitas crenças sobre os gatos foram transmitidas ao longo das gerações, mas elas nem sempre refletem a realidade. Seja por suas atitudes enigmáticas ou por seu comportamento singular, esses pets continuam a inspirar mitos que se perpetuam até hoje. Conheça alguns deles:

Os gatos sempre caem em pé

Mito: Embora seja comum ver imagens de felinos caindo em pé, essa não é uma regra. O que ocorre é que a espécie tem o chamado “reflexo de endireitamento”, que é uma combinação de sua percepção de equilíbrio, associada ao sistema vestibular no ouvido interno, e à flexibilidade de sua coluna vertebral. Isso permite que eles girem o corpo rapidamente durante a queda e se posicionem de maneira a aterrissar de pé. Entretanto, dependendo do tipo de queda ou altura o animal pode não conseguir cair em pé. Além disso, as quedas podem gerar fraturas ou lesões em órgãos internos



Ronronar é sinal de satisfação

Verdade: Os felinos ronronam quando estão relaxados. O barulhinho característico é comum quando estão sendo acariciados ou em um ambiente seguro. Os filhotes, por exemplo, ronronam para comunicar à mãe que estão bem e seguros. Já os gatos adultos usam o som para se comunicar com seus tutores, especialmente quando querem atenção ou carinho.

Gatos não gostam de carinho

Mito: Apesar de serem frequentemente vistos como independentes, os gatos adoram carinho, especialmente em áreas como a cabeça, o pescoço e as costas. No entanto, a intensidade e a duração do afeto que cada pet aprecia variam de acordo com a sua personalidade.

Eles amam ter uma rotina

Verdade: Os felinos são animais de hábitos e sentem-se mais seguros em ambientes previsíveis. Mudanças repentinas, como alterações no ambiente ou na rotina alimentar, podem gerar estresse. Isso explica por que eles têm horários bem definidos para comer, dormir e explorar.

Os felinos adoram leite

Mito: Embora o leite materno seja indispensável para o desenvolvimento adequado e para a imunidade dos filhotes, ele não deve ser oferecido aos pets adultos. Isso ocorre porque a maioria dos pets perde a enzima lactase após o desmame, que é necessária para digerir a lactose presente no leite. Quando os gatos consomem leite, especialmente em grandes quantidades, a lactose não digerida pode causar desconfortos gastrointestinais, como diarreia e cólicas.

Eles adoram brincar

Verdade: Brincar é uma atividade essencial para os gatos. Além de manter o pet ativo, elas ajudam a manter o ambiente enriquecido contribuindo para o desenvolvimento físico e mental dos pets.

Grávidas não podem conviver com felinos

Mito: Esse mito está relacionado a falta de informação sobre a toxoplasmose, uma infecção que pode ser transmitida pelas fezes de gatos infectados. No entanto, o risco é baixo e pode ser evitado com simples precauções, como evitar limpar a caixa de areia ou usar luvas e lavar bem as mãos. Vale ressaltar que os gatos domésticos saudáveis e que não consomem proteínas cruas, têm pouca chance de contrair o parasita.

Gatos são noturnos

Parcialmente verdadeiro: Os gatos são, na verdade, animais crepusculares, o que significa que são mais ativos durante o amanhecer e o entardecer. Essa característica está relacionada aos seus instintos de caça, já que muitos de seus ancestrais predavam nesse período.

Sair de casa faz parte do instinto dos felinos

Mito: Essa informação que é amplamente difundida, não corresponde à realidade. A verdade é que os felinos têm hábitos e instintos de caça mais apurados que outros animais domésticos e, por isso, precisam de estímulos diferentes. É fundamental investir no enriquecimento ambiental, com brinquedos, arranhadores, além de mobiliário para os felinos subirem, escalar e se esconderem. Para quem vive em casa, é possível dar acesso ao quintal, desde que o espaço seja telado. No caso de apartamentos, o acesso a varandas pode permitir que o pet observe o exterior. Além disso, interações diárias com seus tutores também são fundamentais para o bem-estar do felino.

Vale ressaltar que é fundamental que os tutores não permitam que os gatos saiam para a rua. Mantê-los no ambiente doméstico é fundamental para a segurança do pet, evitando riscos, como atropelamentos, brigas com outros animais, doenças e o perigo de se perderem.





Lei Pandora, para que todos os pets possam viajar em segurança!

Excelente notícia! A Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) aprovou em dezembro a Lei Pandora, que regulamenta o transporte de animais domésticos de pequeno porte em aeronaves no Estado, em referência a cachorrinha Pandora que desapareceu por 40 dias, no ano de 2022, após escapar de uma caixa de transporte durante conexão no aeroporto de Guarulhos. E também inspirada no caso do cão Joca, golden retriever que morreu em voo da Gol Linhas Aéreas, onde deveria viajar com seu tutor para Sinop, em Mato Grosso, mas foi embarcado por engano em avião que ia para Fortaleza, no Ceará. O caso ocorreu em abril deste ano e gerou comoção e protestos. Agora a lei segue para sanção do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Votada a partir do Projeto de Lei 587/2023, proposto pelo deputado estadual Caio França (PSB) com coautoria de Rafael Siqueira (União Brasil), a lei estabelece como sendo de pequeno porte aqueles animais que não excedam os 15 quilos, e permite o transporte de até dois animais por passageiro e 10 por aeronave e que o animal doméstico ocupará assento da aeronave, podendo a companhia cobrar até 50% do valor proporcional da passagem do seu tutor. O animal também deve ser alimentado e hidratado a cada quatro horas e estar em caixa de transporte com condições de habitabilidade e nos padrões da companhia e órgãos nacionais e internacionais.

Lembrando que o animal deve ter atestado de boas condições de saúde emitido por veterinário há menos de 15 dias da viagem, carteira de vacinação atualizada e guia de transporte animal (GTA) emitida pelo Ministério da Agricultura e da Pecuária (MAPA) ou órgão conveniado, além dos documentos exigidos pela companhia aérea.

Outro detalhe interessante é que fica deter-

minado na lei que os animais que forem despachados esperem no máximo por uma hora entre o despacho e a decolagem da aeronave, e que esperem até 30 minutos em sala climatizada antes de embarcarem. No compartimento de carga deve haver espaço apartado das bagagens para os animais, além de iluminação adequada e revestimento de diminuição de ruído. Caso esses procedimentos não ocorram, são estabelecidas multas para empresa aérea cujo transporte ocasionar morte ou fuga do animal doméstico nos voos que tenham partida, chegada ou conexão no Estado de São Paulo.

Interessante é que a multa, de R\$ 35 mil Ufesp (Unidades Fiscais do Estado de São Paulo, o que hoje equivale a cerca de R\$ 1,23 milhão), cai sobre a empresa aérea e pode ser aplicada em dobro no caso de reincidência em prazo menor do que 30 dias. Os valores serão revertidos ao Poder Executivo para ações direcionadas à defesa animal. Estamos avançando em defesa dos nossos indefesos filhos peludos! Parabéns. ▣

FICA DETERMINADO NA LEI QUE OS ANIMAIS QUE FOREM DESPACHADOS ESPEREM NO MÁXIMO POR UMA HORA ENTRE O DESPACHO E A DECOLAGEM DA AERONAVE, E QUE ESPEREM ATÉ 30 MINUTOS EM SALA CLIMATIZADA ANTES DE EMBARCAREM

José Luiz Tejon é jornalista, publicitário, mestre em Arte e Cultura com especializações em Harvard, MIT e Insead e Doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai. Conselheiro do CCAS - Conselho Científico Agro Sustentável; Colunista da Rede Jovem Pan, autor e coautor de 34 livros. Coordenador acadêmico de Master Science em Food & Agribusiness Management pela AUDENCIA em Nantes/França e Fecap e professor na FGV In Company. Presidente da TCA International e Diretor da agência Biomarketing. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agrocereis e da Jacto S/A. Ana Purchio é jornalista, pós-graduada em mídias sociais pelo Senac. Trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, na Agência Estado, na Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) e atualmente é assessora de imprensa da TCA International e Assessora de Comunicação da Convergência Comunicação Estratégica.



O PAPEL DA NUTRIÇÃO NO TRATAMENTO DAS DISBIOSES INTESTINAIS EM CÃES

A microbiota intestinal – uma complexa e dinâmica comunidade de microrganismos que habitam o trato gastrointestinal (TGI) – quando em equilíbrio (eubiose), desempenha um papel fundamental para saúde do hospedeiro, seja modulando o sistema imunológico, auxiliando no combate contra patógenos intestinais ou pela produção de substratos importantes na regulação de diversos processos metabólicos (Varallo et al., 2023; Tal et al., 2021)

Devido à estreita interação entre a microbiota intestinal e o hospedeiro, os estudos nessa área têm ganhado cada vez mais relevância nos últimos anos. Pesquisas científicas realizadas tanto em humanos quanto em cães, sugerem que o desequilíbrio da microbiota intestinal (disbiose) pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento de doenças, como a doença intestinal inflamatória, ou atuar como um agravante dessas enfermidades. (Barko et al., 2018; Rowland et al., 2016; Suchodolski, 2017)

Diversas condições podem levar ao quadro de disbiose intestinal, como por exemplo: distúrbios gastrointestinais (agudos ou crônicos), alterações de motilidade intestinal, anormalidades anatômicas, diminuição da secreção de ácido gástrico (associado ou não ao uso de medicamentos), induzida pelo uso de antibióticos (como metronidazol) e dietas com teor reduzido em fibras e alto teor de proteínas e gorduras. (Ziese A.; Suchodolski J.S., 2021)

Como a disbiose intestinal desempenha um papel crucial em distúrbios gastrointestinais e enfermidades sistêmicas, a normalização da microbiota intestinal e de sua função se torna um

alvo terapêutico fundamental. Segundo Ziese e Suchodolski (2021), a oferta de uma dieta de alta digestibilidade é importante, pois reduz o conteúdo não digerido no lúmen intestinal – o que pode favorecer o crescimento bacteriano excessivo. Além disso, a inclusão de fibras especiais, prebióticos e probióticos na dieta tem demonstrado resultados significativos na normalização da microbiota intestinal.

A modulação da microbiota intestinal pela dieta deve sempre fazer parte do tratamento das disbioses intestinais (Ziese A.; Suchodolski J.S., 2021). Para tanto, é fundamental o diagnóstico preciso, para escolha do alimento coadjuvante correto e, conseqüentemente, o sucesso do tratamento.

Fórmula Natural Vet Care Gastrointestinal Cães foi formulado segundo os conceitos mais avançados da nutrição para cães que necessitam de dietas especiais. Indicado para auxiliar no tratamento de cães adultos e filhotes com distúrbios gastrointestinais, como disbiose, gastroenterite e colite, **Fórmula Natural Vet Care Gastrointestinal Cães** possui uma combinação de **ingredientes de alta digestibilidade**, favorecendo a digestão e absorção, além da **inclusão de fibras especiais, prebióticos e probióticos**, contribuindo para o equilíbrio da microbiota intestinal. Além disso, possui **antioxidantes naturais e não inclui ingredientes transgênicos** em sua composição, atendendo aos tutores que prezam por um alimento com essas características.

A eficácia do produto **Fórmula Natural Vet Care Gastrointestinal Cães** foi demonstrada na prática em um estudo recente realizado na Universidade Federal do Paraná (UFPR) em

cães que passaram por uma transição abrupta na alimentação. Os resultados foram significativos, demonstrando uma diferenciação progressiva das comunidades bacterianas, observando-se maior abundância de gêneros bacterianos relacionados a eubiose no grupo alimentado com o **Fórmula Natural Vet Care Gastrointestinal a partir do terceiro dia de consumo** em comparação com o grupo controle. Além disso, também houve uma melhora significativa no escore de condição fecal (ECF 4 e 3, considerados ideais) dos cães alimentados com **Fórmula Natural Vet Care Gastrointestinal**. Mediante esses resultados, **Fórmula Natural Vet Care Gastrointestinal** constitui uma excelente opção para auxiliar no tratamento das disbioses em cães adultos e filhotes.

BIBLIOGRAFIA:

- ALSHAWAQFEH, M. K. et al. A dysbiosis index to assess microbial changes in fecal samples of dogs with chronic inflammatory enteropathy. **FEMS microbiology ecology**, v. 93, n. 11, p. fix136, 2017.
- BARKO, P. C. et al. The gastrointestinal microbiome: a review. **Journal of veterinary internal medicine**, v. 32, n. 1, p. 9-25, 2018.
- SUCHODOLSKI, J. S. Metabolic consequences of gut dysbiosis in dogs with IBD. **Proceedings of the Nestlé Purina Companion Animal Nutrition Summit: The Nexus of Human and Pet Nutrition. Vancouver, Canada**, p. 103-107, 2017.
- TAL, Smadar et al. Developmental intestinal microbiome alterations in canine fading puppy syndrome: a prospective observational study. **npj Biofilms and Microbiomes**, v. 7, n. 1, p. 52, 2021.
- VARALLO, Giovanna Rossi et al. In sickness and in health: the intestinal microbiome of dogs. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 60, p. e203612-e203612, 2023.
- ZIESE, Anna-Lena; SUCHODOLSKI, Jan S. Impact of changes in gastrointestinal microbiota in canine and feline digestive diseases. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, v. 51, n. 1, p. 155-169, 2021.

Gustavo Quirino, médico-veterinário e analista de Treinamento Técnico da Adimax



DESAFIOS E PERS- PECTIVAS

A **LEISHMANIOSE VISCERAL** É UMA ZONOSE DE GRANDE RELEVÂNCIA NO BRASIL. REVISAR SEUS PRINCIPAIS ASPECTOS E CONHECER NOVAS FERRAMENTAS DE CONTROLE SÃO AÇÕES FUNDAMENTAIS PARA MÉDICOS-VETERINÁRIOS E PARA A SAÚDE PÚBLICA COMO UM TODO

› **CLÁUDIA GUIMARÃES, DA REDAÇÃO**
claudia@dc7comunica.com.br

Uma zoonose que acomete o homem, quando este entra em contato com o ciclo de transmissão do parasito e os animais e que deve ser preocupação constante entre os médicos-veterinários, tutores de pets e agentes da saúde pública. Essa é a leishmaniose visceral (LV). No caso de cães e gatos, a doença causa alterações em pele, fígado, rins e baço.

De acordo com a médica-veterinária e sócia proprietária do Graveci Centro Veterinário (Salto-SP), Vivian Cisi, na área urbana, o cão (*Canis familiaris*) é o principal reservatório e pode, também, desenvolver a doença. “A leishmaniose em gatos (*Felis catus*) tem sido re-

latada esporadicamente em várias partes do mundo, mas o papel do felino como reservatório ainda não foi esclarecido completamente. Ambas as espécies podem adoecer quando infectadas com o patógeno. Quando comparado com os cães, os gatos são menos propensos a desenvolver sinais clínicos”, indica.

A profissional explica que os gatos podem ser infectados pelas mesmas espécies de leishmania encontradas nos cães, no entanto, é importante mencionar que a taxa de infecção em felinos é menor e existem menos casos relatados. “A leishmaniose em gatos, geralmente, é assintomática, mas os animais que apresentam sinais clínicos, normalmente, têm algum tipo de comprometimento imunológico- »

co, como, por exemplo, uma infecção concomitante com agentes retrovirais (FIV e/ou FeLV), doenças crônicas e/ou degenerativas”, menciona.

A médica-veterinária patologista Clínica do Hospital Veterinário Taquaral, Thais Roberto, adiciona, sobre isso os sinais clínicos mais comuns: “Alterações dermatológicas, como úlceras na pele, onicogrifose, hepato e esplenomegalia, alterações renais e hepáticas”.

“A médio prazo, os sinais clínicos dependem muito da resposta imunológica do animal. O animal pode desenvolver uma doença progressiva (doença inflamatória sistêmica) ou permanecer assintomático. De uma forma geral, a LV pode se manifestar com um amplo espectro de apresentações e em diferentes graus de gravidade, não havendo sinais considerados específicos ou patognômicos da enfermidade. Assim, podem ocorrer alterações clínicas relacionadas a qualquer órgão ou sistema, como o cardiopulmonar, circulatório, digestório, geniturinário, locomotor, oftálmico, nervoso e, particularmente, o tegumentar (pele)”, elucida Vivian.

Ainda sobre os sintomas, Thais lista que, nos gatos, além de lesões dermatológicas como dermatite seborréica, linfadenomegalia generalizada, emagrecimento, hepato e esplenomegalia, os felinos apresentam alterações oculares, emaciação, estomatite e gengivite.

Thais cita que a transmissão da doença ocorre pela picada do flebótomo, a *Lutzomyia longipalpis*, que se prolifera em material orgânico, como folhas e lixo, não em água como o *Aedes aegypti*. Vivian, por sua vez, lembra que a LV não é contagiosa e não é transmitida de uma pessoa para outra, nem de um animal para outro ou, ainda, de animais para pessoas.

PREVENÇÃO DA DOENÇA

Segundo Thais, as principais formas de prevenção da leishmaniose são as coleiras e os *spot on* que repelem o flebótomo. “Hoje, não temos mais a vacina contra a leishmaniose. Mas temos repelentes à base de Citronela e Óleo de Neen, para passar no ambiente, principalmente nas horas crepusculares do dia, ao anoitecer, que é quando o flebótomo mais pica”, destaca.

Portanto, Vivian reforça que a pre-

venção envolve medidas multifatoriais. “Além do uso de coleiras repelentes ou inseticidas para reduzir a exposição aos insetos vetores, é importante que o veterinário oriente os tutores a manterem os animais dentro de casa durante os horários de maior atividade dos vetores. Além disso, é essencial manter os quintais livres de matéria orgânica como folhas, fezes de animais e restos de comida, já que é nesse material acumulado que as fêmeas do inseto põem seus ovos”, recomenda.

Vivian também menciona outras orientações a serem repassadas aos tutores e à população geral: realizar a poda de árvores regularmente, mantendo o ambiente com maior luminosidade; utilizar produtos antiparasitários recomendados por um médico-veterinário para cães; e fomentar a educação e conscientização, informando sobre a leishmaniose e suas medidas de prevenção. “Caso o tratamento de cães infectados seja considerado, o tutor deve seguir as orientações de profissionais de saúde veterinária”, frisa.

DIAGNÓSTICO

Quanto ao diagnóstico da leishmaniose visceral, Vivian compartilha que está baseado em três categorias principais de provas, por meio dos seguintes métodos:



Parasitológicos: para identificação do parasito;



Sorológicos: para detecção de anticorpos anti-*Leishmania sp.*;



Moleculares: para amplificação do DNA do protozoário.

“Como não há nenhum método diagnóstico considerado 100% sensível e específico, cada um deles apresenta vantagens e desvantagens e são indicados dependendo dos aspectos clínico-laboratoriais apresentados pelo animal e do momento da sua infecção”, diz.

Thais acrescenta que, como opções para investigar o problema, há a punção de linfonodo, de medula óssea e de baço para detecção do parasita.

“Também temos técnicas de sorologia com testes rápidos, que são feitos na própria clínica, reações de imunofluorescência e PCR. E, ainda, outras técnicas, como de imuno-histoquímica, estão entre as mais utilizadas”.

Vivian Cisi relata que os animais com leishmaniose são divididos em estágios clínicos de acordo com as manifestações clínico-laboratoriais. Assim, o tratamento é indicado associando-se um fármaco leishmanicida, que age eliminando parasitos, associado a leishmanostático, que visa impedir a replicação do protozoário. “Além disso, é imprescindível que o animal receba tratamento suporte, de acordo com a necessidade, tendo em vista sua situação clínica, e que seja acompanhado tanto clínico como laboratorialmente de forma frequente durante toda a sua vida, já que a doença não tem cura”. Thais adiciona que, dentro das opções terapêuticas, estão: hidratação, antitérmicos, antibióticos, hemoterapia e suporte nutricional.

Como já é sabido, a leishmaniose visceral não possui cura, portanto, o maior desafio dos médicos-veterinários é o controle e melhorias nos sintomas clínicos da doença, a fim de garantir qualidade de vida aos animais acometidos. Vivian aponta que, atualmente, existem medicamentos que reduzem o número de parasitas no organismo do animal. “O tratamento pode aliviar os sinais. Embora a qualidade de vida do cão melhore, ele precisará do tratamento e do acompanhamento do médico-veterinário para o resto da vida”.

EUTANÁSIA: AINDA É PRECISO?

Apesar da disponibilidade de novos fármacos e abordagem clínica para o tratamento da LV em cães e gatos, a eutanásia segue sendo parte integrante das políticas públicas para o controle da doença. “Embora contestada por diversos setores da sociedade e comunidade científica, está amparada em legislação federal vigente. É importante ressaltar que o médico-veterinário que diagnosticar um animal com leishmaniose visceral está obrigado a notificar a ocorrência ao Sistema de Informação em Saúde Animal. No entanto, a não ser sob ordem judicial de busca e apreensão, é proibido ao



“ A LEISHMANIOSE EM GATOS (*FELIS CATUS*) TEM SIDO RELATADA ESPO-
RADICAMENTE EM VÁRIAS PARTES DO MUNDO, MAS O PAPEL DO FELINO COMO RESERVATÓRIO **AINDA NÃO FOI ESCLARECIDO** COMPLETAMENTE ”

VIVIAN CISI, MÉDICA-VETERINÁRIA

agente de saúde pública adentrar a força em residência para apreender animal, pela afronta à inviolabilidade do domicílio (art. 5º, XI, da Constituição Federal). Portanto, a apreensão em área particular deverá ser feita mediante a permissão do proprietário ou detentor. Existe a possibilidade de tratamento, mas o animal precisa ser acompanhado por um veterinário”, salienta.

Thais adiciona que os casos de eutanásia são recomendados em animais clinicamente debilitados pela doença, como insuficiência renal, insuficiência hepática, perda de peso acentuada.

DIRETRIZES GOVERNAMENTAIS

Para ambas as profissionais, algumas políticas públicas podem ajudar - e muito - no combate à LV. “Estratégias relacionadas à saneamento básico, controle populacional de cães e gatos e acesso à saúde estão todas relacionadas ao controle da leishmaniose. Ainda, uma abordagem mais eficiente para o controle dessas zoonoses vem dos estudos de Saúde Única, do inglês One



“ SERIA IMPORTANTÍSSIMO A DISTRIBUIÇÃO [PELO GOVERNO], PRINCIPALMENTE EM ÁREAS ENDÊMICAS, DE **COLEIRAS E REPELENTES** PARA OS ANIMAIS ”

THAIS ROBERTO, MÉDICA-VETERINÁRIA DO HOSPITAL VETERINÁRIO TAQUARAL

Health, que consideram a integração entre saúde animal, humana e ambiental. Quando existe um desequilíbrio entre esses três segmentos, existe a chance de propagação de agentes patogênicos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) ressalta que Saúde Única é uma abordagem para planejar e implementar programas, políticas, legislação em que vários setores se comunicam e trabalham juntos para alcançar melhores resultados para a saúde pública de uma forma geral”, considera Vivian.

Thais acredita que o Governo deve cuidar do controle de material orgânico em terrenos baldios, com acúmulo de lixo, de folhas e de outros materiais. “Além disso, seria importantíssimo a distribuição, principalmente em áreas endêmicas, de coleiras e repelentes para os animais”.

DERMATOLEISH: UMA DAS FACES DA DOENÇA

Como nada que é tão ruim, não possa piorar, como dito pela médica-veterinária dermatologista colegiada pe- »

la Sociedade Brasileira de Dermatologia Veterinária (SBDV), e responsável pelo serviço de Dermatologia da Clínica Canis e Catus (Natal-RN), Romeika Reis, há casos em que pacientes acometidos pela leishmaniose também desenvolvem outros quadros de dermatopatias. Ou seja, além das lesões que a LV causa na pele da maioria dos animais, novos desafios dermatológicos podem chegar aos profissionais.

Além disso, antes de se ter o diagnóstico de leishmaniose, algumas lesões dermatológicas nos animais geram dúvidas nos veterinários sobre se é LV ou apenas um problema de pele. “A identificação correta das manifestações dermatológicas da leishmaniose é o primeiro grande obstáculo. Sem um diagnóstico preciso, não sabemos o que estamos tratando”, afirma a profissional. Segundo ela, a sobreposição de sintomas com outras doenças cutâneas dificulta a definição clínica, especialmente em regiões endêmicas.

Romeika explica que os sinais dermatológicos em cães com leishmaniose visceral canina resultam da resposta inflamatória e do dano causado pelo parasita *Leishmania infantum*.

Os principais sinais dermatológicos em cães incluem:

- **Dermatite esfoliativa:** Descamação da pele, geralmente seca e em grandes flocos, especialmente no rosto, orelhas e extremidades;
- **Alopecia:** Perda de pelo localizada ou generalizada, frequentemente simétrica, mais comum na cabeça, ao redor dos olhos (alopecia periocular) e nas orelhas.
- **Ulcerações cutâneas:** Feridas que não cicatrizam facilmente, geralmente localizadas em áreas de fricção, como extremidades das patas, cotovelos e ponte nasal.
- **Nodulações e pápulas cutâneas:** Pequenas elevações na pele, que podem evoluir para feridas ou permanecer como nódulos.
- **Hiperqueratose:** Espessamento da pele, principalmente nas áreas das almofadas plantares e na região do focinho.
- **Onicogribose:** Crescimento exagerado e anormal das unhas, tornando-as longas e frágeis.
- **Despigmentação e lesões nas mucosas:** Pode haver perda de pigmentação na pele e lesões ulcerativas em mucosas, como o nariz, lábios e região perianal.
- **Fissuras e rachaduras:** Em áreas como as extremidades das patas, onde a pele é mais sujeita a traumas.

“Esses sinais dermatológicos, muitas vezes, são crônicos e progressivos e podem ser acompanhados de outros sintomas sistêmicos, como perda de peso, apatia, aumento de linfonodos e problemas renais”, adiciona.

Mas como diferenciar uma lesão causada pela LV de outro problema de pele? A profissional declara que a pele tem um padrão limitado à injúria e isso faz com que muitas doenças tenham lesões semelhantes mesmo tendo diferentes causas. “Assim, para diferenciar os diagnósticos que se assemelham, recomendamos os exames complementares como o exame parasitológico de pele, a citologia e, em algumas situações, a realização de biópsia seguida de análise histopatológica. A seleção depende da manifestação clínica do animal. É, ainda, fundamental a realização dos exames específicos para o diagnóstico da leishmaniose. Assim, exclui-se as demais possibilidades e confirma-se a leishmaniose”.

Ela ainda indica que a leishmaniose pode ser diferenciada de outras doenças dermatológicas pela presença de lesões crônicas, sinais sistêmicos associados e a realização de exames diagnósticos específicos. “Se houver suspeita de leishmaniose em um cão ou gato, o ideal é realizar uma abordagem clínica completa, incluindo exames laboratoriais, para confirmar o diagnóstico e iniciar o tratamento adequado”, sugere e lista doenças que se assemelha ao quadro da LV: o lúpus, e pênfigo foliáceo, a adenite sebácea, formações nodulares, como o histiocitoma, dentre outras.

PREDISPOSIÇÃO

A dermatologista mostra que existem raças de cães mais predispostas a desenvolver manifestações dermatológicas e ou-

tras formas clínicas da leishmaniose visceral canina. Segundo ela, essa predisposição está relacionada a fatores genéticos e imunológicos que influenciam a resposta do sistema imunológico à infecção por *Leishmania infantum*.

“Essas raças, em especial o Boxer e o Rottweiler, são, frequentemente, associadas a formas mais graves da leishmaniose, incluindo manifestações dermatológicas e sistêmicas mais intensas. Isso ocorre devido a uma resposta imune predominantemente humoral (produção excessiva de anticorpos) em vez de uma resposta celular eficaz, o que leva a maior disseminação do parasita no organismo”.

Também é importante referir, de acordo com a profissional, que algumas raças são resistentes ao adoecimento, ou seja, possuem maior resistência natural à leishmaniose devido à sua capacidade de gerar uma resposta imune celular (Th1) mais eficiente, o que ajuda a conter a infecção. Entre elas: Galgo Espanhol (Greyhound), Podengo Português e o Ibizan Hound. “Essas raças são mais comuns em áreas endêmicas da Europa e, geralmente, apresentam poucas manifestações clínicas mesmo quando infectadas”.

DESVENDANDO O MISTÉRIO

Entre os exames recomendados, de acordo com Romeika, estão a biópsia, o PCR e a imunohistoquímica, métodos que ajudam a estabelecer uma relação causal entre as lesões e a presença do parasita. “Em áreas endêmicas, o PCR pode não ser suficiente para diferenciar infecções latentes de manifestações clínicas ativas”, menciona.

“ A IDENTIFICAÇÃO CORRETA DAS MANIFESTAÇÕES DERMATOLÓGICAS DA LEISHMANIOSE É O PRIMEIRO GRANDE OBSTÁCULO. SEM UM DIAGNÓSTICO PRECISO, NÃO SABEMOS O QUE ESTAMOS TRATANDO ”

ROMEIKA REIS, MÉDICA-VETERINÁRIA DERMATOLOGISTA

Mais detalhadamente, Romeika afirma que para diferenciar e confirmar a leishmaniose, é necessário realizar exames específicos, tais como:

1 Citologia cutânea: Permite identificar o parasita *Leishmania* intracelularmente nos macrófagos;

2 Sorologia (ELISA, RIFI): Detecta anticorpos específicos contra *Leishmania infantum*;

3 PCR (Reação em cadeia da polimerase): Detecta material genético do parasita, sendo altamente sensível e específico;

4 Biópsia de pele e histopatologia: Mostra inflamação granulomatosa e pode identificar o parasita;

5 Raspado cutâneo: Realizado para excluir doenças como sarnas e dermatofitoses;

6 Exame direto de fungos ou culturas bacterianas: Para excluir infecções fúngicas e bacterianas.

A profissional ainda compartilha que lesões como dermatite esfoliativa, pústulas não responsivas a antibióticos e úlceras cutâneas são algumas das manifestações mais comuns em cães acometidos pela leishmanio- »





se. “Em alguns casos, surgem padrões histológicos complexos, como dermatites liquenoides, que podem confundir até patologistas experientes”, reitera.

Por conta disso, o tratamento da “dermatoleish”, nomenclatura que define a relação entre a leishmaniose visceral e dermatopatias, exige uma abordagem personalizada, conforme salienta Romeika: “Protocolos combinados de imunossupressores, como prednisona, ciclosporina e azatioprina, são frequentemente utilizados para controlar respostas imunes exacerbadas”, lista. No entanto, a suspensão, quando necessário, desses medi-

camentos deve ser realizada com cautela, considerando o risco de recaídas. “Por vezes, temos que ajustar tratamentos continuamente, associando diferentes classes de fármacos para alcançar o equilíbrio imunológico necessário”, explica e ainda menciona que o uso de imunomoduladores se apresenta como uma ferramenta eficaz para tratar quadros graves e refratários.

Para melhor entendimento da doença, a especialista informa que é preciso dividir os pacientes de acordo com o estadiamento clínico em animais assintomáticos e sintomáticos. “Esse estadiamento é proposto pelo Brasileish e tem sido adotado pelos clínicos veterinários para melhor tomada de decisão. Assim, no estágio 1 e 2, os animais são assintomáticos ou apresentam poucos sintomas. Já as manifestações clínicas são reconhecidas a partir do estágio 3 da doença, com quadros mais graves nos estágios 4 e 5. A partir do estágio 3 não só a pele é acometida, mas, também, de mais órgãos que a *Leishmania* afeta”.

Ela compartilha que atende muitos casos complicados que, em um primeiro momento, sente vontade de recusar e repassar a outro profissional, tamanha “dor de cabeça” que causam. Exemplos de casos clínicos desafiadores, citados por Romeika, incluem pacientes com vasculite e piodermite refratária. “Mas sabemos que o controle da doença e das comorbidades do paciente é sempre o foco do tratamento e o que gera qualidade de vida. Não podemos esquecer que um animal com leishmaniose, mesmo que controlado, requer monitoramento e tratamento por toda a vida. Não podemos prometer melhoras rápidas, mas podemos oferecer uma abordagem clínica, ética e detalhada”.

Para ela, na luta contra a LV, principalmente associada a lesões graves de pele, o conhecimento científico e a prática clínica devem andar lado a lado para garantir o melhor desfecho possível para os pacientes. “É um caminho difícil, mas desistir nunca é uma opção”.

UMA NOVA PROMESSA

Como podemos perceber, a LV continua sendo um dos maiores desafios na Medicina Veterinária, exigindo tra-

tamentos cada vez mais eficazes e seguros. O médico-veterinário, pesquisador e coordenador do Curso de Medicina Veterinária de Andradina e sócio fundador do Brasileish, Fábio dos Santos Nogueira, foi o responsável pelo estudo promissor sobre o Marbox-Leish, novo medicamento à base de marbofloxacina, uma fluoroquinolona sintética de terceira geração, que chega para tratar a sintomatologia da leishmaniose visceral canina. Ele conta que o estudo explorou a ação leishmanicida e a segurança do fármaco em cães infectados.

O estudo foi conduzido com 66 cães naturalmente infectados, divididos em dois grupos: um recebeu Marbox-Leish e o outro foi tratado com um medicamento já utilizado no mercado. O acompanhamento clínico, segundo Nogueira, incluiu exames laboratoriais, como PCR de pele e medula óssea, sorologia e avaliações clínicas detalhadas. “Os cães foram acompanhados por até 120 dias, com avaliações periódicas de parâmetros como ganho de peso, melhora clínica e redução de carga parasitária. O protocolo incluiu exames como hemogramas, bioquímicos renais e hepáticos, além de testes de diagnóstico parasitológico. A fase laboratorial foi realizada em colaboração com laboratórios especializados em análise molecular”, menciona.

Os resultados foram animadores, na visão do profissional: “Houve uma redução significativa na carga parasitária detectada por PCR após 60 dias de tratamento. A melhora clínica foi evidente em ambos os grupos, mas o grupo tratado com Marbox-Leish apresentou um ganho de peso mais acentuado e uma recuperação clínica mais rápida”, cita.

Embora não tenham ocorrido diferenças significativas nos marcadores bioquímicos renais e hepáticos, o médico-veterinário afirma que a ausência de efeitos adversos graves reforçou a segurança do fármaco. “O estudo demonstrou que o Marbox-Leish é uma alternativa eficaz e segura para o manejo de cães infectados”, garante.

Sobre o processo, Nogueira afirma que, como todo estudo de fase clínica, este também envolveu enormes desafios. “Temos a adaptação dos animais, principalmente selecionando pelas alterações comportamentais (agressivi-

dade), seleção dos animais baseado no critério de inclusão e exclusão e, também, a coleta do material e registro da avaliação clínica”. No entanto, sobre desenvolvimento do protocolo de pesquisa para atender aos critérios exigidos pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), ele afirma que esse não foi um desafio muito grande. “Como fui o pesquisador responsável pelo estudo da Miltefosina e liberação, conhecia as necessidades e os critérios exigidos pelo órgão. Em todos os estudos temos aprendizados e que são aplicados nos próximos”, comenta.

Em relação ao diferencial da marbofloxacina comparada a outras opções do mercado, o pesquisador cita que trata-se de um fármaco com um custo mais acessível para a população e que pode oferecer uma resposta clínica e laboratorial mais efetiva. “Outros pesquisadores relataram tanto *in vitro* como *in vivo* sua eficácia, porém, com um N menor e com alguns exames laboratoriais. Neste estudo, comparamos com a miltefosina, com um N de animais que atendessem e com todos os exames disponíveis para comprovar sua eficácia”.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES FUTURAS

Mas, ainda com os resultados animadores, Fábio Nogueira salienta a importância de continuar as pesquisas mais amplas e multicêntricas sobre o Marbox-Leish e outros medicamentos e substâncias, devido à limitação das terapias disponíveis. Ele explica que, apesar de inúmeros estudos sobre a doença, o uso da marbofloxacina em cães com leishmaniose é uma área pouco explorada e reitera que a pesquisa realizada se concentrou em avaliar a eficácia clínica e a segurança do Marbox-Leish, considerando sua ação

antimicrobiana e imunomoduladora.

“O tratamento da leishmaniose é realizado seguindo alguns critérios clínicos, laboratoriais (perfil renal, eletroforese de proteínas e sorologia quantitativa), estadiamento e, principalmente, a associação de fármacos (leishmanicidas, leishmaniostáticos e imunomoduladores). Quanto mais armas tivermos para controlar a carga parasitária melhor. Sem dúvida, o Marbox-Leish vai ajudar no tratamento”, avalia o profissional que ainda adiciona: “Os laboratórios investem em pesquisas para poder oferecer um produto seguro e com eficácia comprovada. A Ceva é uma destas empresas. Mas, nosso trabalho não para por aqui. Em breve, teremos novos fármacos leishmanicidas e outras formas de prevenção dessa terrível doença que tira o sono dos tutores”.

Por fim, o médico-veterinário destaca uma frase que simboliza sua satisfação em atuar na Medicina Veterinária e seu comprometimento no combate à leishmaniose e outras zoonoses: “O que fazemos em vida ecoa por toda a eternidade”, citação do filme *Gladiador*, de Ridley Scott. A mensagem reflete seu compromisso com a evolução constante da profissão e a luta pela saúde pública. ■

“ O ESTUDO DEMONSTROU QUE O MARBOX-LEISH É UMA **ALTERNATIVA EFICAZ E SEGURA** PARA O MANEJO DE CÃES INFECTADOS ”

FABIO NOGUEIRA, MÉDICO-VETERINÁRIO E PESQUISADOR





ESPERANÇA RENOVADA

CEVA SAÚDE ANIMAL APRESENTA O **MARBOX-LEISH**, INDICADO PARA TRATAR A SINTOMATOLOGIA DA LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA, COMBINANDO EFICÁCIA CLÍNICA E SEGURANÇA COMPROVADA PARA A SAÚDE DOS CÃES ACOMETIDOS COM A DOENÇA

▷ **CLÁUDIA GUIMARÃES, DA REDAÇÃO**
claudia@dc7comunica.com.br

A Ceva Saúde Animal, reafirmando seu compromisso com a inovação na área de saúde e bem-estar animal, traz uma nova solução para combate à leishmaniose visceral (LV) em cães, o MARBOX-LEISH.

O lançamento possui como princípio ativo a marbofloxacin, uma fluoroquinolona sintética de terceira

geração com ação antimicrobiana que apresenta alta capacidade de distribuição e que age contra o parasita causador da leishmaniose visceral (*Leishmania infantum*). MARBOX-LEISH, de acordo com o gerente Técnico Nacional da Unidade de Animais de Companhia na Ceva Saúde Animal, Claudio Nazaretian Rossi, é indicado para a remissão da sintomatologia clínica de cães aco-

metidos com a doença e desenvolvido apenas para uso veterinário. “Com isso, a Cevalança um produto exclusivo e inovador à base de marbofloxacina para melhora clínico-laboratorial de cães com leishmaniose visceral, com formulação, estudo clínico e indicação aprovada pelo órgão regulatório para esta finalidade”, garante.

O produto tem previsão de chegada ao mercado, efetivamente, em meados de fevereiro deste ano. “É importante ressaltar que o medicamento será comercializado sob prescrição veterinária e estará disponível em caixas com comprimidos sulcados e palatáveis de 20 mg e 60 mg, com venda restrita a estabelecimentos veterinários”, menciona Rossi.

SEGURANÇA E EFETIVIDADE

Rossi reforça que a leishmaniose visceral é uma zoonose e, por isso, representa um problema de saúde pública no Brasil. “Todos os anos, milhares de cães são infectados com o agente causador da doença e passam a sofrer as consequências sistêmicas de curto, médio e longo prazo. Isso sem contar o potencial de contaminação de humanos, também com prognóstico em geral grave, caso não tratada de maneira adequada”.

Por isso, trazer ao mercado uma alternativa para a melhora clínica de cães com LV ratifica, segundo o executivo, acima de tudo, o quanto a Ceva está comprometida com o bem-estar e a saúde dos animais. “Para se ter uma ideia, já éramos detentores de produtos à base de marbofloxacina e, em 2017, entendemos que a molécula poderia ser uma alternativa relevante para o tratamento da LV. Assim, iniciamos o desenvolvimento da formulação e posterior condução dos estudos clínicos e o processo de validação do fármaco para apresentarmos ao mercado. Entendemos que, com isso, contribuimos para o controle dos danos causados nos cães acometidos por esta doença, endêmica em quase todo o Brasil e em outras partes do mundo”, declara.

ESTUDOS CLÍNICOS

Nos estudos para registro do produto, a empresa identificou, de acordo com Rossi, elevada eficácia na remissão da sintomatologia de cães com LV, com baixo índice de efeitos adversos e, portanto, alta segurança. “Isso significa que o fármaco, além de equilibrar a relação parasita-hospedeiro, ainda é capaz de fazê-lo sem reduzir o bem-estar animal”, discorre.

Claudio Rossi conta que os estudos foram conduzidos em animais em estádios 2 e 3, conforme diretrizes publicadas pelo grupo Brasileish (2018), havendo, porém, literatura que sustente, inclusive, a possibilidade de utilização do princípio ativo em animais com doença renal (estádios 4 e 5 do Brasileish), o que não foi realizado para registro do produto devido às muitas variáveis para efetiva avaliação da eficácia e segurança do medicamento, uma vez que, para essa análise, o produto deve ser utilizado isoladamente conforme determinações regulatórias, sem associação com outros fármacos complementares. “Independentemente disso, a combinação do medicamento com outras opções terapêuticas deve ser realizada conforme avaliação do veterinário a partir do diagnóstico clínico-laboratorial e prognóstico do animal”, destaca.

A previsão da empresa é que o produto esteja disponível para comercialização em meados de fevereiro de 2025, como já mencionado, a depender da região do Brasil. “Gostaríamos de reforçar que a Ceva Saúde Animal é a 5ª empresa global de saúde animal, liderada por veterinários experientes. Nossa missão é fornecer soluções de saúde inovadoras para todos os animais e garantir o mais alto nível de cuidado e bem-estar. Nosso portfólio inclui medicina preventiva, produtos farmacêuticos e de bem-estar. A Ceva se esforça diariamente para dar vida à sua visão como uma empresa One Health: ‘Juntos, além da saúde animal’”, afirma Rossi.

O porta-voz finaliza salientando que a farmacêutica está bastante otimista com a chegada ao mercado do MARBOX-LEISH e trabalha profundamente para compor soluções ligadas à enfermidade. “É o caso da vacina Leish-Tec, cujas análises já identificaram e corrigiram os motivos que levaram à suspensão do imunizante. Com isso, avançamos para a produção de lotes piloto e seguimos com as demais etapas regulatórias, cumprindo a legislação vigente”, encerra. ■

“ O FÁRMACO, ALÉM DE EQUILIBRAR A **RELAÇÃO PARASITA-HOSPEDEIRO**, AINDA É CAPAZ DE FAZÊ-LO SEM REDUZIR O BEM-ESTAR ANIMAL ”

CLAUDIO NAZARETIAN ROSSI É GERENTE TÉCNICO NACIONAL DA UNIDADE DE ANIMAIS DE COMPANHIA NA CEVA SAÚDE ANIMAL



CAO DE FERRO?

A MISTURA GENÉTICA DOS VIRA-LATAS OS TORNA ÚNICOS, **MAS NÃO INFALÍVEIS**, PORTANTO, OS CUIDADOS COM ELES DEVEM SER TÃO GRANDES COMO EM ANIMAIS COM RAÇA DEFINIDA





› **STHEFANY LARA, DA REDAÇÃO**
sthefany@dc7comunica.com.br

Quando se fala em cães vira-latas, muitos tutores os veem como verdadeiros sobreviventes, fortes e saudáveis. Mas até que ponto essa percepção é verdadeira? Seria apenas um mito popular ou haveria fundamentos científicos que explicassem essa fama?

O médico-veterinário gerente de Client Experience do Grupo Pet Care, Marcelo Quinzani, explica que a expectativa de vida dos vira-latas é influenciada pelo porte, fatores genéticos e manejo. “Cães de porte pequeno, em geral, vivem mais, e os vira-latas, devido à diversidade genética, podem se beneficiar de uma maior longevidade”, explica Quinzani. “Contudo, cães que viveram na rua por longos períodos podem carregar sequelas de doenças e subnutrição, o que impacta negativamente sua saúde a longo prazo”.

AS DOENÇAS MAIS COMUNS NOS VIRA-LATAS

Segundo ele, a diversidade genética é um “pilar” da resistência. “A ocorrência de doenças, no geral, é mais alta em cães de raça do que nos vira-latas”, afir-

ma Quinzani. Essa diferença encontra embasamento científico: os vira-latas possuem maior diversidade genética, resultante dos cruzamentos entre diferentes raças. “Tal variabilidade aumenta a resistência a doenças hereditárias, especialmente aquelas ligadas a genes recessivos. Em cães de raça pura, a seleção genética para padrões estéticos pode inadvertidamente aumentar a predisposição a certas doenças”.

Quinzani explica que, para que uma doença recessiva se manifeste, é necessário que o cão herde genes iguais do pai e da mãe. “Como os pais dos vira-latas, geralmente, têm ‘pools’ genéticos muito distintos, a chance dessas doenças ocorrerem é muito menor”, esclarece. Por isso, segundo Quinzani, os cães vira-latas têm menor predisposição à maioria das doenças hereditárias, especialmente aquelas associadas a genes recessivos. “Entre os exemplos mais comuns estão doenças oculares, como diversas formas de atrofia progressiva da retina e glaucoma primário de ângulo aberto; alterações hematológicas, como hemofilia e deficiência de fator VII; disfunções hormonais, como hipotireoidismo congênito e »

hiperadrenocorticismo pituitário-dependente; problemas cardíacos, como algumas formas de cardiomiopatia dilatada; e distúrbios do sistema musculoesquelético, incluindo distrofias musculares. Essa menor predisposição está diretamente relacionada à maior diversidade genética dos vira-latas”

Embora sejam menos propensos a doenças hereditárias, os vira-latas não estão imunes a outros problemas. Quinzani observa que as doenças mais comuns são aquelas compartilhadas por cães de raça semelhante em porte. “Não há doenças que sejam mais prevalentes nesse grupo, mas o tamanho e o comportamento tendem a ser imprevisíveis”, destaca.

Essa imprevisibilidade também reflete no temperamento. Enquanto cães de raça possuem tendências comportamentais definidas, os vira-latas podem apresentar traços variados, tornando-os menos previsíveis em termos de energia e sociabilidade. “Sabemos que existem raças mais amistosas, mais calmas e outras mais agressivas, ou que requerem maior atividade física, por exemplo. Estas características também são selecionadas na formação das diferentes raças. No cão vira-lata, justamente por não sabermos quais raças estão envolvidas na sua formação, não temos essa previsibilidade quando filhotes, especialmente se não conhecemos os seus pais”.

RESISTÊNCIA A DOENÇAS INFECCIOSAS: UM MITO?

Apesar da percepção popular de que os vira-latas são mais resistentes a doenças infecciosas, Quinzani esclarece que não há evidências que comprovem essa ideia. “Essas doenças estão mais relacionadas ao manejo, como vacinação e alimentação, do que à genética”, explica. A imunidade também depende de fatores como os anticorpos adquiridos da mãe, a exposição a patógenos e o estilo de vida.

MANEJO E CUIDADOS ESSENCIAIS

Assim como para os cães de raça, o manejo alimentar e os cuidados preventivos são fundamentais para a saúde dos vira-latas. Alimentação equilibrada, vacinação regular, vermifugação e controle de parasitas são medidas



COM MANEJO ADEQUADO, OS VIRA-LATAS PODEM TER UMA VIDA TÃO LONGA E SAUDÁVEL QUANTO QUALQUER CÃO DE RAÇA PURA”

MARCELO QUINZANI É MÉDICO-VETERINÁRIO. GERENTE DE CLIENT EXPERIENCE DO GRUPO PET CARE

essenciais. “Sabe-se que a imunidade está diretamente ligada a uma alimentação adequada e equilibrada, rica em vitaminas e determinados aminoácidos, que vão contribuir para a formação de um sistema imunológico eficiente. Animais em ambientes protegidos vivem mais, com menor risco de doenças infecciosas”, reforça o veterinário. Outros cuidados, como a vacinação anual, higiene bucal, controle de peso e visitas periódicas ao veterinário, também contribuem para uma vida longa e saudável.

Quinzani recomenda exames preventivos anuais para cães vira-latas, assim como para cães de raça. Dependendo do porte, idade e estilo de vida, podem ser indicados exames de sangue, ultrassons e exames genéticos. Ele também destaca a importância da vacinação no controle de doenças fatais como cinomose, parvovirose e raiva.

DESAFIOS NO TRATAMENTO

Em ambientes urbanos e rurais, os maiores desafios no cuidado com vira-latas geralmente estão relacionados ao comportamento. “O histórico de vida influencia muito o comportamento do cão. Experiências positivas ou negativas interferem diretamente na saúde mental e comportamental”, comenta Quinzani. Ele destaca que vira-latas criados na rua tendem a ser mais adaptáveis e sociáveis, mas também podem apresentar traços de agressividade ou medo dependendo de suas vivências. “Animais que viveram na rua por longo período podem ter sido expostos a doenças que não seriam caso fossem domiciliados. Estas doenças podem trazer consequências para a vida toda – como sequelas da cinomose, e alterações intestinais na parvovirose. Além disso, a subnutrição também pode causar deficiências no desenvolvimento, impactando o paciente por toda a vida. Em relação a parte comportamental, os vira-latas que crescem na rua, tendem a ser mais livres e se já adultos podem ser de difícil domesticação ou mesmo de interação com outros cães”.

Para assegurar uma vida saudável, os tutores devem seguir um protocolo de cuidados básicos: visitas regulares ao veterinário, controle de peso, vacinação, prevenção de parasitas e exames periódicos. “Com manejo adequado, os vira-latas podem ter uma vida tão longa e saudável quanto qualquer cão de raça pura. Acredito que adaptáveis a diferentes situações, entendendo que o caráter de um cão e seu comportamento esteja diretamente ligado às experiências vividas, seja dentro de casa em um ambiente protegido ou na rua. Dessa forma, podemos ter experiências positivas ou negativas interferindo no seu comportamento e na sua saúde. Assim, podemos ter cães vira-latas extremamente sociáveis, geralmente aqueles que tiveram mais experiências positivas ou mesmo que conviveram com diferentes espectros de pessoas”, diz.

“Temos, por outro lado, os cães mais arredios ou medrosos/agressivos (aqueles que viveram experiências negativas com alta frequências). De qualquer forma, justamente por viver em uma ambiente altamente imprevisível, podemos dizer que eles se adaptam melhor em diferentes ambientes e diferentes pessoas. Isso pode ser positivo”, conclui Quinzani. ■



11º PRÊMIO DE PESQUISA PremieRpet®

Comemorando sua 11ª edição, o Prêmio de Pesquisa PremieRpet® se consolida como uma das mais importantes iniciativas no calendário da Medicina Veterinária nacional. Este concurso anual se destaca por sua missão de estreitar as relações entre as esferas acadêmica, clínica e industrial, criando um ambiente fértil para o avanço da ciência e a melhoria contínua da qualidade de vida dos animais. O Prêmio PremieRpet® busca não apenas premiar as melhores pesquisas, mas também incentiva o desenvolvimento de soluções inovadoras que impulsionam a evolução da nutrição. Em sua 11ª edição, o Prêmio reafirma seu compromisso com a excelência científica e com o fortalecimento da pesquisa em todas

as suas frentes, gerando resultados que impactam positivamente na Medicina Veterinária e os profissionais que atuam na área.

O concurso, mais uma vez, abre portas para novas descobertas e aproxima diferentes áreas do conhecimento, construindo pontes para o futuro da nutrição.

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 09 DE MARÇO 2025

NOVIDADES NA PREMIAÇÃO

Nesse ano, as categorias irão contar com premiações para o 1º, 2º e 3º lugar:

RELATO DE CASO

1º lugar: ACVIM FORUM

2º lugar: iPhone

3º lugar: Tablet

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA OU RELATO DE CIENTÍFICO

1º lugar: ESVCN CONGRESS

2º lugar: iPhone

3º lugar: Tablet

ORIENTADOR COM MAIOR NÚMERO DE TRABALHOS CLASSIFICADOS:
CONCESSÃO DE AUXÍLIO PARA PUBLICAÇÃO EM PERIÓDICO.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES, ACESSE
O SITE: PREMIERPET.COM.BR/11PREMIO

ALERTA AMIA- RELO!

A SÍNDROME DO VÔMITO BILIOSO, EMBORA COMUM, REQUER UMA ABORDAGEM CUIDADOSA E INDIVIDUALIZADA PARA GARANTIR O BEM-ESTAR DOS PETS E PREVENIR COMPLICAÇÕES FUTURAS

» **STHEFANY LARA**

sthefany@dc7comunica.com.br

A síndrome do vômito bilioso é uma condição clínica comum em cães, especialmente em raças de pequeno porte, e também ocorre em gatos, com uma frequência significativa. Embora não seja uma doença grave, o manejo inadequado pode levar a complicações significativas, afetando a saúde gastrointestinal e a qualidade de vida do animal. A médica-veterinária coordenadora do setor de Gastroenterologia do Hospital Pet Care; responsável



pelo serviço de Gastroenterologia Vet Unity e Ufape – São Paulo; diretora Científica da Associação Brasileira de Gastroenterologia Animal (Abraga), Maria Carolina Farah Pappalardo, explica mais sobre essa condição.

Segundo ela, o principal sintoma da síndrome do vômito bilioso é a presença de vômito com bile, identificado por sua coloração amarelada. “Essa manifestação ocorre devido a alterações no duodeno, com a inflamação (duodenite) sendo a causa mais comum. Alguns pacientes têm essas alterações, principalmente, após o jejum prolongado, pela manhã. Mas isso não é uma regra, pode acontecer em outros momentos do dia”.

Certas raças de cães, como yorkshire terrier, maltês, spitz alemão, bulldog francês, shih tzu e lhasa apso, demonstram maior predisposição para o desenvolvimento da síndrome. Por outro lado, gatos não apresentam predileção racial. “A idade e o porte também podem influenciar, sendo cães de pequeno porte os mais afetados”, afirma a médica-veterinária.

A INFLUÊNCIA DA DIETA

A dieta desempenha um papel crucial no manejo da síndrome do vômito bilioso. Maria Carolina ressalta que dietas hidrolisadas podem beneficiar alguns pacientes, enquanto outras necessitam de alimentos que aumentem a sensação de saciedade e retardem o esvaziamento gástrico. Além disso, o aumento do número de refeições, especialmente à noite, ajuda a evitar jejuns prolongados. “A escolha da dieta depende diretamente da causa subjacente da inflamação”, explica.

OPÇÕES DE TRATAMENTO

O tratamento varia de acordo com a causa da duodenite. “Nos casos em que a inflamação é primária, o manejo inclui dieta específica, corticosteróides e imunossupressores”, afirma Maria Carolina. A realização de biópsia intestinal é importante para eliminar outras causas, principalmente infecciosas e neoplásicas antes de iniciar os imunossupressores. Por outro lado, se a inflamação for secundária a condições



Maria Carolina Farah Pappalardo é coordenadora do setor de gastroenterologia Pet Care; responsável pelo serviço de gastroenterologia Vet Unity e Ufape – São Paulo e diretora Científica da ABRAGA

DIAGNÓSTICO PRECISO

Confirmar a síndrome do vômito bilioso requer a exclusão de outras condições subjacentes. Os exames fundamentais incluem:

- 1 Hemograma completo e testes bioquímicos;
- 2 Exames coproparasitológicos seriados e testes de ELISA para giárdia;
- 3 Estimulação por ACTH para investigar disfunções adrenais;
- 4 Ultrassonografia abdominal;
- 5 Endoscopia digestiva alta com biópsia duodenal, em casos específicos.

como insuficiência renal, hepatopatias ou hipoadrenocorticismo, o foco do tratamento deve ser a resolução da doença de base, o que, consequentemente, reduz a inflamação duodenal.

Quando não tratada adequadamente, a duodenite grave pode levar a complicações como náusea persistente, falta de apetite, gastrite e esofagite secundária devido ao refluxo. “Esses fatores comprometem a nutrição e a qualidade de vida do paciente”, alerta Maria Carolina.

ESTRATÉGIAS PREVENTIVAS

Prevenir a recorrência do vômito bilioso exige a identificação e o controle da causa subjacente da duodenite. Reduzir o tempo de jejum também é uma medida essencial. “A modificação do horário das refeições para diminuir o intervalo entre elas é uma estratégia simples, mas eficaz”, destaca Maria Carolina.

COMO DIFERENCIAR?

O vômito bilioso se diferencia de condições como gastrite ou refluxo gástrico pela ausência de vômito amarelado nesses casos. “O conteúdo bilioso é característico de refluxos oriundos do duodeno, enquanto a gastrite, geralmente, apresenta outros sinais”, explica.

A síndrome pode ser um indicativo de doenças subjacentes, como enteropatias responsivas à dieta ou imunossupressores, verminoses, disbiose, alterações hormonais (como hipoadrenocorticismo), distúrbios metabólicos, hepatopatias e até a presença de corpos estranhos no trato gastrointestinal.

De acordo com Maria Carolina, o vômito bilioso crônico – definido como episódios persistentes por mais de três semanas – requer atenção veterinária. “Os exames básicos, como hemograma, testes bioquímicos e ultrassonografia abdominal, são indispensáveis para descartar causas primárias. Em alguns casos, a endoscopia é necessária para avaliar o duodeno”. Ela reforça a importância de ajustes na dieta e no manejo alimentar, além de destacar que o hipoadrenocorticismo atípico pode ser uma causa subestimada em cães. ■

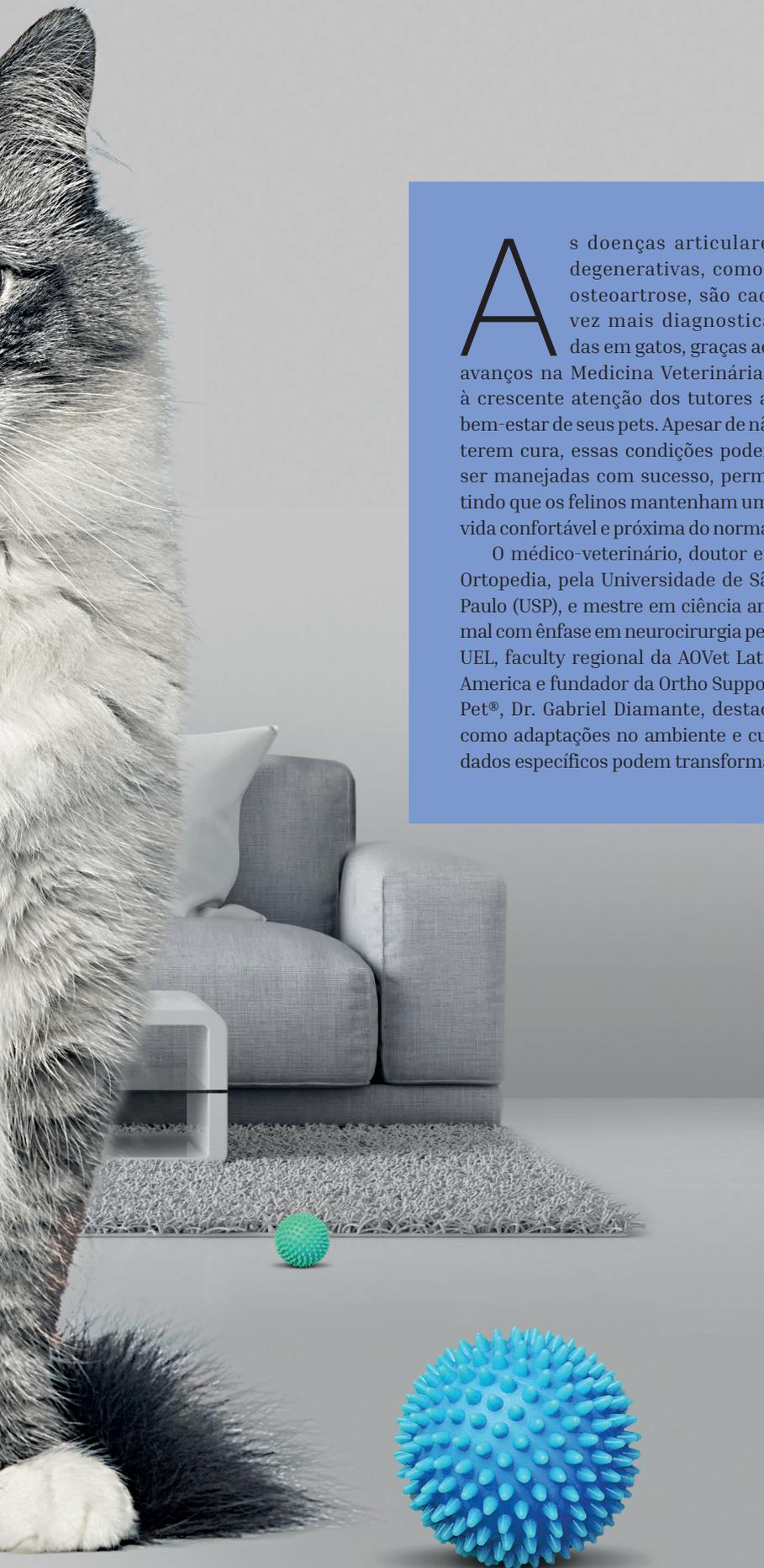
CUIDA DO E CON FOR TO

APÓS O
DIAGNÓSTICO
DE DOENÇAS
ARTICULARES,
VEM O MANEJO
AMBIENTAL.
**É NECESSÁRIO
ADAPTAR O LAR
PARA MELHORAR
A QUALIDADE
DE VIDA DE GATOS,**
GARANTINDO
MOBILIDADE E
BEM-ESTAR



» **STHEFANY LARA**
sthefany@dc7comunica.com.br





As doenças articulares degenerativas, como a osteoartrose, são cada vez mais diagnosticadas em gatos, graças aos avanços na Medicina Veterinária e à crescente atenção dos tutores ao bem-estar de seus pets. Apesar de não terem cura, essas condições podem ser manejadas com sucesso, permitindo que os felinos mantenham uma vida confortável e próxima do normal.

O médico-veterinário, doutor em Ortopedia, pela Universidade de São Paulo (USP), e mestre em ciência animal com ênfase em neurocirurgia pela UEL, faculty regional da AOVet Latin America e fundador da Ortho Support Pet®, Dr. Gabriel Diamante, destaca como adaptações no ambiente e cuidados específicos podem transformar

a rotina desses animais, aliviando dores e preservando sua mobilidade. Ele afirma que os gatos com problemas articulares podem apresentar dor ou restrição do movimento articular, portanto facilitar o acesso à água e a comida, bem como a caixa de areia, ajudam muito a diminuir o desconforto e o estresse desses animais. “Com relação ao ambiente, devemos evitar que o gato tenha acesso a grandes alturas, ou que precise escalar excessivamente para suas atividades diárias, pois saltar desses locais ou precisar chegar a eles pode gerar dor e desconforto nesses pacientes. Locais planos e sem acesso a grandes alturas seriam ideais”, diz.

CAMAS E DESCANSO

Para poder tirar uma soneca ou dormir, alguns tipos de camas são mais apropriados, segundo Diamante. “Existem diversos tipos de cama no mercado pet, independente do modelo, as características que podem ajudar o gato com doença articular degenerativa (osteoartrose) são: primeiro, ser baixa para que não necessite esforço para chegar até ela; e, segundo, ter uma superfície um pouco mais rígida, ou seja, com espuma mais firme, para evitar afundamentos da pata, que seria análogo a você pisar na areia da praia, o que acaba forçando as articulações e causando dor”, detalha.

Para aqueles gatos que têm dificuldade em acessar locais elevados, como prateleiras e janelas, as melhores soluções para manter o enriquecimento do ambiente, segundo Diamante, é a utilização de rampas de acesso ou degraus. “Isso ajuda o felino a chegar aos locais sem forçar as articulações. Lembrar que locais altos, caso o gato resolva saltar, pode causar dor, ou lesionar ainda mais uma articulação doente. Muitos gatos dormem na »

cama ou compartilham o sofá com seus tutores, para isso, muitas vezes, tem que saltar ou se esforçar para chegar lá, o que causa dor e desconforto em pacientes com osteoartrose, pois isso o uso de acessibilidade por meio de rampas ou degraus ajuda muito eles a manterem a vida próxima do normal”.

NA HORA DA BRINCADEIRA

Segundo Diamante, alguns tipos de brinquedos ou atividades são adequados para gatos com limitações de movimento, mas que ainda estimulam o exercício. “Sabemos que se exercitar é saudável, principalmente para evitar obesidade e para diminuir o estresse. No entanto, vale ressaltar que pacientes com doenças ortopédicas podem ter o quadro agravado caso se esforcem de forma exagerada, principalmente com a articulação doente. Arranhadores baixos, brinquedos de labirinto e simuladores de roedores ou pássaros podem ser utilizados com moderação”.

CUIDADOS ESPECÍFICOS

Segundo o médico-veterinário, a caixa de areia deve estar ao nível do solo, com fácil acesso, para evitar que o gato retenha fezes ou urina devido à dor. Já os recipientes de comida e água devem ter bases amplas e estar posicionados em locais acessíveis, evitando que o gato precise abaixar-se excessivamente. “Abaixar a cabeça em geral não é um problema para os gatos que têm

doenças articulares, o que ocorre é a diminuição da amplitude de movimento articular, ou seja, seria uma dificuldade em abaixar-se como um todo. Os recipientes devem ter base ampla e estarem em locais planos de fácil acesso, isso estimula o gato a manter-se bem alimentado e hidratado”.

PREVENIR LESÕES

Reduzir o acesso a locais elevados, manter pisos antiderrapantes e evitar esforços repetitivos são ações fundamentais para prevenir lesões e agravamentos da doença. O médico-veterinário destaca a importância de respeitar os limites do animal: “O piso liso não agrada os pets em geral, sejam cães ou gatos, no entanto, quando se trata de pacientes com osteoartrose, isso, além de não agradar, prejudica o doente. O piso liso necessita de maior esforço para manter-se em estação, pois não conta com a aderência do solo. Isso somado a uma articulação doente resulta em agravamento da doença. Portanto, pisos mais ásperos ou aderentes são mais confortáveis para esses pacientes”.

AS QUESTÕES DA MOBILIDADE

Para reduzir o risco de lesões em gatos com mobilidade limitada, é fundamental evitar que eles tenham acesso a locais elevados que exijam escaladas ou saltos. De acordo com Diamante, os impactos e esforços repetitivos po-

dem agravar as condições articulares, aumentando a dor e o desconforto. “Isso não significa que o gato deva ser mantido imóvel, mas, sim, que atividades que exijam esforço excessivo devem ser evitadas para preservar sua qualidade de vida e bem-estar”.

ORIENTAÇÃO AOS TUTORES

Para garantir um ambiente seguro e acessível para gatos com necessidades ortopédicas, é essencial orientar os tutores. “O ambiente seguro é aquele que o gato possa realizar suas atividades diárias sem necessidade de grandes esforços, ou seja, que não necessite escalar e saltar de grandes alturas, pois isso pode agravar sua doença pré-existente. A acessibilidade, como comentado anteriormente, é super importante para isso e permite que o gato tenha uma vida próxima do normal com seu tutor. É sempre bom lembrar que, quanto mais cuidarmos do ambiente, menos medicações e terapias o gato irá precisar para manter-se bem. Eu utilizo muito uma analogia no meu consultório com os tutores, sempre dizendo que, se eu torcer o pé jogando futebol e tomar um anti-inflamatório, geralmente, para de doer, no entanto, se eu for jogar novamente no dia seguinte, a medicação não conseguirá seu efeito adequado e eu posso ter agravamento do quadro, em outras palavras, devemos respeitar a condição para que a medicação e as terapias façam seu efeito de forma adequada, o mesmo vale para os felinos”.

Por fim, Diamante lembra que, em decorrência do aumento dos cuidados pelos tutores e da tecnologia com o avanço da Medicina Veterinária, cada dia mais se diagnostica gatos com doença articular degenerativa (osteoartrose) por diversas causas, sejam elas traumáticas ou por doença de base. “O mais importante de tudo é saber que o gato pode ter uma vida próxima do normal mesmo com essa condição, o que devemos fazer é realizar o diagnóstico correto e um manejo adequado. O médico-veterinário especializado na área de Ortopedia pode ajudar muito nesse tratamento, pois sabemos que a osteoartrose não tem cura, no entanto, com as terapias disponíveis hoje, é possível dá uma excelente qualidade de vida a eles”, finaliza. ■



Dr. Gabriel Diamante

“SABEMOS QUE SE EXERCITAR É SAUDÁVEL, PRINCIPALMENTE PARA EVITAR OBESIDADE E PARA DIMINUIR O ESTRESSE. NO ENTANTO, VALE RESSALTAR QUE PACIENTES COM DOENÇAS ORTOPÉDICAS PODEM TER O QUADRO AGRAVADO CASO SE ESFORCEM DE FORMA EXAGERADA, PRINCIPALMENTE COM A ARTICULAÇÃO DOENTE”

GABRIEL DIAMANTE, MÉDICO-VETERINÁRIO, SÓCIO-FUNDADOR DA ORTHO SUPPORT PET®, CAMPINAS (SP)

VERÃO SEM PULGAS COM INVICTO

AÇÃO RÁPIDA



Flexibilidade
e proteção
que cabem
no seu bolso



Efeito knock down:
ação contra as pulgas
a partir de 15 minutos



Segurança
garantida
para cães
e gatos



Invicto é um antipulgas a base de Nitenpiram, que possui rápida absorção e ação no organismo, atingindo as máximas concentrações sanguíneas a partir de 15 minutos, proporcionando um rápido alívio para o seu pet.

www.invictopet.com.br
sac.br@dechra.com | 0800 400 7997


Dechra

ELES TAMBÉM TÊM

ENTENDA MAIS SOBRE OS PRINCIPAIS AGENTES ENVOLVIDOS, **ESTRATÉGIAS DIAGNÓSTICAS E ABORDAGENS TERAPÊUTICAS** PARA PRESERVAR A SAÚDE RESPIRATÓRIA DOS GATOS

» **STHEFANY LARA, DA REDAÇÃO**
sthefany@dc7comunica.com.br

Espirros frequentes, secreções nasais e dificuldade para respirar podem ser sinais de que algo está errado com o sistema respiratório dos felinos. Assim como em humanos, gatos também podem sofrer com rinite e sinusite, condições que afetam diretamente o bem-estar e a qualidade de vida desses animais. Identificar os sintomas, entender as causas e buscar o tratamento adequado são passos fundamentais para garantir a saúde respiratória dos pets.

Segundo a médica-veterinária Bruna da Silva Pinto, do Hospital Veterinário Taquaral, em Campinas (SP), as doenças de trato respiratório superior, no geral, podem estar relaciona-

das com agentes bacterianos/fúngicos/virais/pólipos e neoformações no trato respiratório superior. “Quando há secreção purulenta ou mucopurulenta há componente bacteriano associado, seja de forma primária ou secundária no desenvolvimento da doença. Os principais patógenos bacterianos desse sistema são: *Bordetella bronchiseptica*, *Chlamydia felis*, *Streptococcus canis* e *Mycoplasma spp.* No entanto, podem haver infecções secundárias por micro-organismos comensais oportunistas da cavidade nasal ou ambientais como *Corynebacterium spp.*, *Escherichia coli*, *Pasteurella multocida*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Streptococcus viridans* e *Staphylococcus intermedius* podem estar envolvidos”.

Bruna explica que agentes virais



também estão frequentemente associados a essas afecções, destacando o calicivírus felino (FCV) e o herpesvírus felino tipo 1 (FHV-1) como os principais responsáveis. Essas infecções costumam causar manifestações como rinite, estomatite, ulcerações bucais e conjuntivite. Ela conta que os agentes fúngicos principais são: *cryptococcus*, *aspergillus* e *sporothrix spp.* “Que, além da secreção nasal, também podem causar deformação em casos avançados, além de ser comum a infecção bacteriana secundária nesses casos”.

Segundo ela, como diagnósticos diferenciais também há as formações, as mais comuns são os pólipos oriundos da orelha média ou no canal auditivo oriundos nasofaringe ou do tímpano. “Há ainda as alterações genéticas oriundas de seleção das raças ou defeitos genéticos como a estenoses de narina, em animais braquicefálicos e a estenose nasofaríngea, que consiste no estreitamento das coanas, podendo causar obstrução da passagem de ar, predispondo ao aparecimentos destas afecções”.

Bruna também lista que, além dos diagnósticos anteriores, é possível ter as rinosinusites crônicas, também descritas como rinosinusites linfocítico-plasmocitária eosinofílica e idiopática, a qual o diagnóstico é realizado por meio de histopatológico. “E que podem estar relacionadas ou não a quadros de rinosinusites na infância”, diz.

Bruna recomenda que o médico-veterinário não se esqueça de considerar, também, as causas alérgicas, que podem ser de origem ambiental como os próprios produtos químicos de limpeza do ambiente, assim como ácaros e poeira. “Os corpos estranhos, que tratam-se de objetos que podem ficar acidentalmente presos na cavidade nasal também pode ocasionar lesões que acarretam nas rinosinusites, representam uma causa rara de sinusite unilateral. A periodontite crônica, estágio mais avançado da doença também pode ocasionar a rinite e sinusite, uma vez que os tecidos periodontais perdem sua aderência, causando perda do osso alveolar e retração gengival”, comenta.

A rinite e a sinusite em gatos podem impactar profundamente a saúde respiratória dos felinos, especialmente em animais jovens ou de raças específicas. Segundo a médica-ve-



Caroline G de Almeida Bento é médica-veterinária do Hospital Veterinário Taquaral, em Campinas (SP)

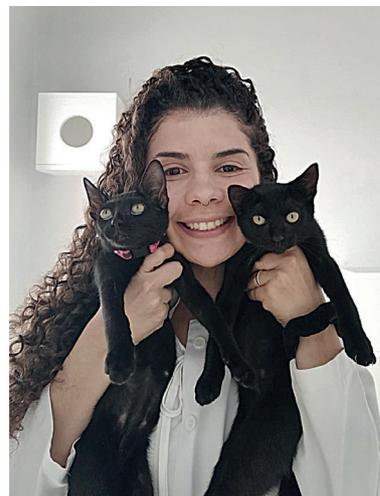
terinária Caroline G. de Almeida Bento, do Hospital Veterinário Taquaral, “animais mais jovens, com imunidade imatura e sem o protocolo vacinal completo, assim como gatos presentes em grandes populações, estão mais predispostos a apresentar doenças virais, bacterianas e fúngicas”. Ela acrescenta que raças braquicefálicas, como persas e exóticos, são particularmente vulneráveis devido à anatomia reduzida da cavidade nasal.

SINTOMAS E DIAGNÓSTICO

Os sintomas de rinite e sinusite em gatos são semelhantes e podem incluir secreções nasais e espirros. “Uma das formas de diferenciação é pela secreção nasal, que pode ser serosa, mucopurulenta ou hemorrágica”, explica Caroline. Secreções mucopurulentas podem estar associadas a infecções bacterianas, virais ou fúngicas, enquanto as hemorrágicas podem indicar traumas, corpos estranhos ou neoplasias. “Muitas vezes, os sinais clínicos se confundem, por isso uma boa anamnese e exame físico são fundamentais para fechar o diagnóstico”, complementa.

Para confirmar o diagnóstico, são necessários exames como hemograma, radiografias, rinoscopia e tomografia. “É importante avaliar o paciente como um todo para identificar a causa dos sintomas”, ressalta a veterinária.

Infecções virais, como as causadas pelo herpesvírus felino, também têm papel significativo no desenvolvimento da rinite crônica. “O vírus pode per-



Bruna Da Silva Pinto é médica-veterinária do Hospital Taquaral, em Campinas (SP)

manecer latente no organismo e ser reativado em situações de estresse ou queda de imunidade”, explica Caroline. Pólipos nasais e tumores também podem contribuir para essas condições, ao obstruírem o fluxo normal das secreções e causarem infecções secundárias.

O tratamento é variado e depende da causa subjacente. Antibióticos, fluidoterapia, nebulizações e antivirais estão entre as opções mais utilizadas. “A alimentação assistida também é importante, pois a perda do olfato pode afetar diretamente o apetite do animal”, explica Caroline. Ela também destaca a importância de controlar a dor e a febre, além de implementar medidas de suporte.

PREVENÇÃO E CUIDADOS

Medidas preventivas incluem a vacinação com vacinas polivalentes, que protegem contra infecções virais, e a manutenção de ambientes limpos e bem ventilados. “Evitar alérgenos, como poeira e fumaça de cigarro, e reduzir o estresse com o uso de feromônios faciais também pode ser benéfico”, sugere a veterinária. Para novos animais na casa, Caroline orienta: “Recomenda-se um período de quarentena antes do contato com outros gatos para evitar a propagação de patógenos”.

Nos casos crônicos, o manejo combina medicamentos, controle ambiental e medidas preventivas. “O objetivo é aliviar os sinais clínicos, evitar crises e garantir uma boa qualidade de vida ao animal”, conclui Caroline. ■

A IMPORTÂNCIA DA NUTRIÇÃO CORRETA

EM CADA FASE DA VIDA



> **MONIQUE PALUDETTI,
LETÍCIA WARDE LUIS E ERIKA PEREIRA**

A nutrição de cães e gatos é um dos pilares para a promoção de saúde, longevidade e bem-estar dos animais. Uma alimentação equilibrada não apenas supre as necessidades energéticas, mas, também, contribui para prevenir doenças, auxiliar o crescimento, manter funções metabólicas e promover qualidade de vida⁽¹⁾. Com o avanço das pesquisas em nutrição animal, os alimentos comerciais foram segmentados em categorias específicas para filhotes, adultos e idosos, com objetivo de adequar e otimizar a alimentação conforme as necessidades nutricionais de cada faixa etária.

ALIMENTOS PARA FILHOTES: CONSTRUINDO AS BASES PARA A SAÚDE

A fase de filhote corresponde ao período de crescimento, que se inicia no nascimento e termina quando o animal atinge a maturidade física e social. Enquanto gatos são considerados adultos a partir de 12 meses de idade^(2,3), **cães alcançam a maturidade em diferentes idades, conforme o porte:**

- **Porte pequeno (<10 kg):** Entre 8 e 12 meses de idade
- **Porte médio (10-25 kg):** Entre 12 e 18 meses de idade
- **Porte grande (25-40 kg):** Entre 18 e 24 meses de idade
- **Porte gigante (>40 kg):** Entre 24 e 36 meses de idade

O período de crescimento para ambas as espécies é uma das fases mais críticas, sendo marcada por alta demanda energética e nutricional. Filhotes apresentam necessidades calóricas que podem ser até três vezes maiores que as de um animal adulto⁽²⁾, portanto alimentos específicos para essa faixa etária apresentarão alta densidade calórica. Além disso, eles exigem níveis adequados de

proteínas de alta digestibilidade para sustentar o desenvolvimento muscular, ósseo e dos tecidos dos filhotes^(2,5).

Para todas as fases de vida, é essencial que a ingestão de cálcio e fósforo siga uma relação equilibrada, porém por serem nutrientes essenciais para a mineralização óssea, durante o crescimento requer atenção ainda maior. Desequilíbrios nessa relação podem levar a alterações ortopédicas e de desenvolvimento, especialmente em cães de grande porte⁽⁶⁾. Em alimentos comerciais a relação entre estes dois minerais é balanceada e segura, porém caso o responsável opte pelo fornecimento de dietas não convencionais ao filhote, como dietas caseiras, estas devem ser cuidadosamente formuladas por profissionais capacitados e adequadamente suplementadas para garantir que a relação seja adequada⁽⁷⁾.

Por possuírem o sistema digestivo ainda em maturação, filhotes requerem alimentos de alta digestibilidade. Para isso, os alimentos são formulados com ingredientes de alta qualidade e digestibilidade, com inclusão de compostos prebióticos e probióticos, além de fibras em níveis moderados para promover o desenvolvimento do microbioma intestinal saudável e evitar desconfortos gastrointestinais⁽¹⁾.

Ademais, a inclusão de quantidades superiores de DHA, um ácido graxo ômega-3, na alimentação para filhotes é essencial, pois contribui para o desenvolvimento neurológico e cognitivo saudável⁽⁸⁾.

ALIMENTO PARA ADULTOS: MANUTENÇÃO E PREVENÇÃO

Em cães e gatos, a fase adulta é subdividida em duas categorias: jovens adultos e adultos maduros. Sendo que jovens adultos são considerados animais entre um e seis anos e adultos maduros de sete a dez anos^(3,9). Ao alcançar a maturidade, cães e gatos têm suas necessidades energéticas reduzidas, embora mante- ➤



nham a exigência de uma dieta balanceada⁽²⁾. Nesta fase, o objetivo principal dos alimentos é a manutenção do peso corporal ideal, a prevenção de doenças e o suporte às atividades diárias.

As proteínas continuam desempenhando papel fundamental, porém a qualidade das fontes proteicas é mais importante que a quantidade, garantindo que o animal receba todos os aminoácidos essenciais necessários para as funções metabólicas e manutenção dos tecidos^(10,11).

Outro aspecto relevante é o controle da densidade energética. A obesidade é uma preocupação crescente entre cães e gatos adultos⁽²⁾, sendo associada a uma série de condições, como doenças endócrinas, ortopédicas, diminuição da expectativa e qualidade de vida⁽¹³⁻¹⁶⁾. Alimentos para adultos frequentemente apresentam menor densidade calórica e incluem fibras que promovem a saciedade e ajudam no controle do peso⁽³⁾.

Além disso, a suplementação com antioxidantes, como vitaminas E e C, e compostos bioativos, como beta-caroteno, é uma tendência crescente nas formulações⁽⁷⁾. Esses compostos ajudam a combater o estresse oxidativo, promovendo saúde celular e prevenindo doenças crônicas⁽¹⁸⁾.

NUTRIÇÃO PARA IDOSOS: LONGEVIDADE E QUALIDADE DE VIDA

A mudança da fase adulta madura para idosa de gatos ocorre a partir de dez anos de idade, sendo considerados idosos a partir de 15 anos⁽¹⁹⁾. Já para cães, a fase sênior é considerada como os últimos 25% da expectativa de vida

estimada até o fim da vida, que varia conforme a raça, por exemplo a expectativa de vida da raça pequinês é de, aproximadamente, 16 anos, enquanto raças como boxer e pitbull têm expectativa de vida média de dez anos^(20,21).

A alimentação de cães e gatos idosos tem como objetivo principal a promoção da longevidade e o manejo de condições crônicas associadas ao envelhecimento. À medida que os animais envelhecem, ocorrem alterações metabólicas, como redução na taxa metabólica basal e mudanças na composição corporal, incluindo perda de massa muscular chamada sarcopenia^(10,11,22,23). Em vista disso, alimentos para idosos, geralmente, apresentam teores proteicos mais elevados e de alta qualidade para combater a sarcopenia, uma condição comum nessa faixa etária⁽⁹⁾.

Animais idosos também se beneficiam da inclusão de nutracêuticos como os ácidos graxos ômega-3, eicosapentaenóico (EPA) e docosahexaenóico (DHA), que promovem saúde articular, renal e cardiovascular^(19,24). Ademais, antioxidantes e triglicérides de cadeia média têm mostrado efeitos positivos no atraso do declínio cognitivo e imunológico^(10,11,22).

Cada fase da vida de cães e gatos apresenta desafios nutricionais únicos. Utilizar rações inadequadas para a faixa etária do animal pode acarretar problemas sérios. Por exemplo, para os idosos, uma dieta inadequada em nutrientes essenciais pode acelerar a perda de massa muscular, comprometer a mobilidade e agravar doenças crônicas. Dietas com baixa densidade nutricional e excesso de ca-

lorias podem levar a ganho de peso e afetar a saúde de modo geral^(10,11).

A escolha do alimento ideal deve ser guiada por uma consulta veterinária, que considera não apenas a idade do animal, mas também fatores como porte, raça, nível de atividade física e condições de saúde específicas, incluindo necessidade de alimentos comerciais coadjuvantes quando necessário. O acompanhamento veterinário permite identificar necessidades nutricionais específicas e ajustar a dieta para promover o bem-estar e a longevidade do animal. Somado a isso, educar os responsáveis sobre a importância de seguir as recomendações dietéticas é essencial para evitar erros comuns, como suplementação desnecessária ou mudanças frequentes de alimento baseadas apenas em preferências do animal⁽²⁵⁾. O compromisso entre os responsáveis pelo animal e médicos-veterinários em adotar práticas nutricionais baseadas na ciência é a chave para uma vida longa e saudável para cães e gatos. ■



LEIA AS
REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS
PELO QR CODE

Monique Paludetti, é médica-veterinária, residência em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos (UNESP/Jaboticabal). Mestranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos (FMVZ- USP). Clínica na área de Nutrição Clínica de cães e gatos. E-mail: monique.paludetti@usp.br
Letícia Warde Luis, é médica-veterinária, residência em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos (UNESP/Jaboticabal), mestra em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos (UNESP/Jaboticabal). Clínica na área de Nutrição de cães e gatos. E-mail: leticiaw.nutrivet@gmail.com
Erika Pereira, é médica-veterinária, residência em Clínica Médica de Cães e Gatos (UFF), especialização em Nutrição e Nutrologia (ANCLIVEPA-SP). Mestranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição Clínica de Cães e Gatos (FMVZ-USP). E-mail: mverikapereira@gmail.com



A MEDICINA
VETERINÁRIA
EM FORMA DE
NOTÍCIA.

 /revistacaesgatos  /@revistacaesgatos

 www.caesgatos.com.br

caes
gatos

BO TU LIS MO

EM CÃES
E GATOS

UMA BREVE **REVISÃO**
DE LITERATURA
PARA O CLÍNICO DE
CÃES E GATOS

» **ANA SILVIA DAGNONE**
E JOICE LARA MAIA FARIA



1. O QUE É A DOENÇA BOTULISMO? O botulismo é uma doença infecciosa-bacteriana - não contagiosa, que apresenta uma grande variedade na intensidade de um sinal clínico muito comum nesta doença, que é uma paralisia (geralmente tetraparesia) flácida motora ascendente, que podem ocorrer em cães e gatos ocasionalmente, e em animais de produção mais comumente.

2. QUAL A SUA ETIOLOGIA? As bactérias do gênero *Clostridium* spp produzem uma neurotoxina durante seu ciclo de vida em meios inóspitos, que será ingerida pelo animal susceptível. Esta bactéria é muito encontrada produzindo toxinas em materiais em decomposição, carcaças de animais em pasto, lixo doméstico e até ossos enterrados por cães. Nos animais domésticos, a neurotoxina do *C. botulinum* (BoNT) é a principal encontrada, sendo caracterizadas molecularmente mais de 40 variantes dela.

3. ONDE EXISTE ESTA BACTÉRIA? Estes bacilos G (+), estritamente anaeróbicos, são formadores de esporos para perpetuarem em condições inadequadas de clima (temperatura e umidade), e podem ser encontrados na população da microbiota intestinal de diversas espécies animais.

4. COMO OCORRE O CICLO DO *CLOSTRIDIUM BOTULINUM*? Ele se multiplica em locais com matéria orgânica em abundância, como as carcaças putrefação em pastos e, também, até em alimentos em mau estado de armazenamento, que fornecem um ambiente ideal para a produção de esporos. Os esporos desta bactéria são muito resistentes, ao calor, radiação, químicos e ressecamento, podendo sobreviver por longos períodos no ambiente com condições favoráveis.

5. BOTULISMO PODE MATAR? Sim, dependendo da carga de toxina ingerida

pelo animal, do atraso no diagnóstico e do tempo até a instalação da terapêutica adequada, a taxa de mortalidade poderá variar de 50% até 100%. A causa mais comum de morte em cães e gatos é por paralisia de musculatura respiratória grave.

6. É CONSIDERADO UMA ZOONOSE? Não diretamente, pois não há contágio entre um animal doente ou um ser humano. Mas, de forma indireta caso o ser humano entre em contato com a toxina que o animal ingeriu. O ser humano, comumente, contrai o botulismo com alguns alimentos sem higienização prévia e/ou cocção adequada, como por exemplo, o palmito ingerido *in natura*. No ser humano, o botulismo está associado, principalmente, às toxinas A, B, E e F, e o botulismo animal às toxinas C, D e as formas em mosaico C/D e D/C.

Nos cães e gatos, geralmente são encontrados BoNT tipo C, apesar de existirem relatos na literatura de intoxicação de cães pelos tipos D e B.

7. EXISTE SAZONALIDADE PARA OCORRER O BOTULISMO? O botulismo tem certa sazonalidade, apresentando-se predominantemente nos meses mais quentes do ano, com temperaturas entre 22°C e 37°C, que são ideais para a multiplicação da bactéria e consequente produção de toxinas. Entretanto, com o aumento das temperaturas médias o ano todo no Brasil, esta sazonalidade nem sempre é fato.

8. NO PACIENTE CANINO OU FELINO COMO ACONTECE A FISIOPATOGENIA DA INFECÇÃO? Após o cão ou gato se alimentar ou ingerir material contaminado com a toxina pré-formada pela bactéria, a BoNT chega ao lúmen estomacal, intestino delgado e mais tardiamente no intestino grosso, e é absorvida pelas células epiteliais do trato digestório, alcançando posteriormente a corrente sanguínea. Em seguida, a neurotoxina será trans- »

portada pelo sangue para os músculos, quando então atingem a junção neuromuscular, onde exerce seus efeitos.

9. COMO OCORRE A AÇÃO DA BoNT? A BoNT irá inibir a liberação pré-sináptica das vesículas contendo a acetilcolina na junção neuromuscular por ligação irreversível às terminações nervosas pré-sinápticas. Esta ligação irá causar a clivagem das colinas de transporte das vesículas colinérgicas. O bloqueio da liberação desse neurotransmissor resulta em alteração generalizada do neurônio motor inferior com disfunção parassimpática de um ou vários músculos estriados e lisos.

10. QUANTO TEMPO DA INGESTÃO DA BoNT ATÉ O ANIMAL INICIAR OS SINAIS CLÍNICOS? O período entre a ingestão das neurotoxinas até o início dos sinais dependerá, principalmente, da quantidade de toxina ingerida e do estado geral de saúde deste, e pode variar de algumas horas até dois dias após ingestão. Geralmente quanto mais precoce o aparecimento dos sinais clínicos, mais grave poderá ser a doença.

11. QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS SINAIS CLÍNICOS NOS CÃES E GATOS? A disfunção generalizada do neurônio motor inferior irá ocasionar uma fraqueza muscular ascendente, simétrica, podendo resultar em tetraparalisia flácida. O clínico, nesta fase, poderá observar uma paresia a paralisia de membros pélvicos (fraqueza para ficar em estação e suportar membros pélvicos) que poderá evoluir ascendentemente para os membros torácicos (fraqueza generalizada tanto em membros pélvicos quanto torácicos), e com agravamento até uma dificuldade de manter a cabeça, porém com tônus da cauda mantido (animal geralmente consegue abanar cauda, diferentemente de um quadro traumático de medula espinhal com tetraparalisia flácida similar, mas com cauda também flácida). O tônus muscular pode estar reduzido e reflexos espinhais reduzidos ou ausentes, porém com a nocicepção mantida.

Alguns sinais clínicos menos frequentes são: disfunções de nervos cranianos, sinais parassimpáticos como constipação, retenção uri-

nária, redução da produção lacrimal, reflexo de vômito reduzido e salivação excessiva. Pode haver tônus mandibular reduzido, além do desenvolvimento de megaeosôfago. Estes sinais de paralisia de musculaturas lisas deverão ser monitorados pelo clínico para evitar refluxos, afogamentos, engasgos e pneumonias por aspiração.

Algumas infecções bacterianas secundárias poderão ser observadas, como: broncopneumonia aspirativa secundária ao megaeosôfago, infecção do trato geniturinário em consequência da retenção urinária e ainda quadros de ceratoconjuntivite seca. Em apresentações clínicas mais severas, ocorre a paralisia dos músculos respiratórios que poderão culminar com a morte do animal.

12. COMO O CLÍNICO PODERÁ DIAGNOSTICAR O BOTULISMO? A grande maioria dos nossos pacientes terão diagnóstico por meio de uma anamnese muito bem direcionada, associada ao exame clínico do paciente. Exames laboratoriais e de imagem, geralmente, não apresentam alterações, por se tratar de um quadro agudo.

13. QUAL O MEIO DIAGNÓSTICO MAIS ESPECÍFICO PARA O BOTULISMO? O único meio que poderá realmente verificar a presença e identificação específica da BoNT no sangue, fezes, vômito, conteúdo estomacal ou alimento/carcaça deteriorada, é a inoculação em camundongos lactentes, teste este realizado em poucos laboratórios ou instituições de ensino pois requer animais de biotério.

14. O ISOLAMENTO DA BACTÉRIA *CLOSTRIDIUM BOTULINUM* É FIDEDIGNO? Não, o isolamento da bactéria *Clostridium botulinum* não é fidedigno, pois esta bactéria também poderá ser normalmente encontrada em fezes e trato digestório de animais sadios.

15. QUAIS OS PRINCIPAIS DIAGNÓSTICOS DIFERENCIAIS DE BOTULISMO? Os principais diagnósticos diferenciais de botulismo são a raiva, polirradiculoneurite e miastenia grave aguda. Em alguns casos, também o clínico deverá avaliar a possibilidade de paralisia causada por um trauma medular.

16. EXISTE TRATAMENTO PARA O BOTULISMO EM CÃES E GATOS? Não, não existe tratamento específico para o botulismo em pequenos animais. Geralmente, a terapia é de suporte e sintomática, de acordo com o quadro clínico e gravidade de cada paciente. Quando a quantidade de toxina ingerida não for muito grande e infecções secundárias não estiverem presentes, a evolução e a remissão de grande parte dos sinais clínicos ocorre de maneira espontânea em alguns dias.

17. EM CASO DE INGESTÃO EM ATÉ 30 MINUTOS, PODERÁ SER FEITO ALGO? Sim, neste casos, a realização de uma lavagem gástrica ou indução de vômito.

18. E SE A INGESTÃO FOI DE MAIS DE 30 MINUTOS, O QUE FAZER? Quando o animal já apresentar mais de duas horas e dias da suspeita de ingestão de materiais suspeitos, o uso de substâncias que diminuem absorção intestinal como os catárticos, sendo que o uso do carvão ativado via oral (evitar produtos com magnésio) e até em enemas, poderá se mostrar eficazes na redução da absorção das toxinas já presentes nos intestinos.

19. ANIMAIS COM BOTULISMO DEVEM SER INTERNADOS? A maioria deverá, sim, ser internada para monitoração da progressão da doença. Porém, em alguns casos menos severos, o paciente poderá ficar em observação em casa, quando o tutor tiver tempo e comprometimento no acompanhamento do animal.

20. COMO PROCEDER COM ANIMAIS INTERNADOS COM BOTULISMO? Os animais internados com botulismo ou suspeita deverão ser mantidos em locais confortáveis e macios, e seu decúbito deve ser frequentemente alterado a cada 2-4 horas, para evitar o aparecimento de feridas e até pneumonia por decúbito. Este paciente deverá ser sempre monitorado para não haver regurgitação e/ou refluxo de conteúdo gástrico que possa ser aspirado.

21. EM CASOS MAIS SEVEROS, O QUE PODE SER FEITO? A sondagem nasogástrica e uretral poderá ser realizada para garantir um aporte nutricional adequado, e para manter o esvaziamento da bexiga com monitoramento do débito urinário.

Também uma fluidoterapia parenteral ou até com microenteral poderá ser instituída para evitar desidratação, desequilíbrio eletrolítico e deficiências nutricionais. As avaliações hemogasométricas também devem ser realizadas para monitoramento da função respiratória e, quando necessária, a ventilação mecânica deve ser realizada.

22. HÁ NECESSIDADE DE ANTIBIÓTICOS CONTRA A BACTÉRIA *CLOSTRIDIUM SP?* Não, visto que o problema são as toxinas ingeridas deste agente. Entretanto, o uso de antibióticos poderá ser instituído para quadros que apresentem infecções secundárias. Quando necessário pode-se utilizar a associação de penicilina e metronidazol.

23. EXISTEM CUIDADOS RELACIONADOS À MELHORA DO TÔNUS MUSCULAR? Sim, alguns exercícios fisioterápicos, como movimentação passiva e massagens, também podem ser instituídos para redução da atrofia muscular.

24. QUANDO O USO DE ANTITOXINA É INDICADO? A antitoxina tipo C atua nas toxinas que ainda não foram absorvidas pela mucosa intestinal, não tendo ação nas junções neuromusculares, fato que limita muito sua eficácia. A literatura relata um caso com resposta efetiva no tratamento de um canino do Estado de Minas Gerais acometido pela enfermidade utilizando-se a antitoxina C e D. No entanto, sua baixa disponibilidade no mercado nacional limita sua utilização na clínica médica de pequenos animais.

25. EXISTE VACINA CONTRA BOTULISMO EM CÃES E GATOS? Não, não há no mercado até o presente momento uma vacina para tal enfermidade. Provavelmente devido à ocorrência dos casos em animais ser mais baixa do que em seres humanos.

26. EXISTEM OUTROS USOS E INDICAÇÕES DA TOXINA BOTULÍNICA? Sim, na Medicina Humana a toxina botulínica tem sido usada em casos de medicina estética para realizar a paralisia parcial de músculos que podem criar vincos e rugas na expressão facial do ser humano. Também em casos de doenças com excesso de sudorese, dor crônica, rigidez muscular crônica, dentre outros.

Atualmente, alguns trabalhos relatam seu uso também na Medicina Veterinária no controle de dor crônica em doenças articulares degenerativas e no controle de casos de mioclônias.

27. QUAL O PROGNÓSTICO DE CÃES E GATOS COM BOTULISMO? O prognóstico irá depender de fatores como a quantidade de toxina ingerida e a presença de infecções secundárias.

Nos animais com sinais leves a moderados, o prognóstico é bom. Porém em casos onde a quantidade de toxina ingerida for muito grande e o animal apresentar tetraparalisia flácida e dificuldade respiratória com duração de mais de três dias, geralmente é reservado, podendo evoluir para óbito. ■

Referências

- BARR, S.C., BOWMAN, D.D. Blackwell's five-minute veterinary consult clinical companion: canine and feline infectious diseases and parasitology, 2.ed., Wiley-Blackwell, 2011, 672p.
- DAGNONE, A.S., TINUCCI-COSTA, M. Doenças infecciosas na rotina de cães e gatos no Brasil, MedVet, 2018, 310p.
- ELAD, D., YAS-NATAN, E., AROCH, I., SHAMIR, M.H., KLEINBART, S., HADASH, D., CHAFFER, M., GREENBERG, M., SHLOSBERG, A. Natural Clostridium botulinum Type C Toxicosis in a Group of Cats. J. of Clin Microbi. 2004; 42 (11): 5406-5408.
- GREENE, C.E., HARVEY, J.W. (3ed): Infectious Diseases of the dog and cat. Philadelphia: Saunders WB; 2006. p. 203-216.
- MEGID, J., RIBEIRO, M.G., PAES, A.C. Doenças Infecciosas em animais de produção e de companhia, 2016, 1294p.
- NICACIO, G. M., LUNA, S. P. L., CAVALETI, P. et al. Intra-articular botulinum toxin A (BoNT/A) for pain management in dogs with osteoarthritis secondary to hip dysplasia: A randomized controlled clinical trial. Journal of Veterinary Medical Science. 2019; v. 81, n. 3, p. 411-417. doi: 10.1292/JVMS.18-0506. PMID: PMC6451911. PMID: 30643103.
- URIARTE, A., THIBAUD, J.L., BLOT, S. Botulism in 2 urban dogs. Can Vet J. 2010; 51:1139-1142.
- RAMSEY, I. Manual of canine and feline infectious diseases, 1.ed, BSAVA, 2001, 288p.
- SCHUBERT, T., CLEMMONS, R., MILES, S. et al. The Use of Botulinum Toxin for the Treatment of Generalized Myoclonus in a Dog. Journal of the American Animal Hospital Association. 2013; v. 49, n. 2, p. 122-127. PMID: 23325599. doi: 10.5326/JAAHA-MS-5786.
- SILVA, R.O.S, SALVARANI, F.M., PIRES, P.S., ASSIS, R.A., SALLES, P.R., CARVALHO FILHO, M.B., LOBATO, F.C.F. Caso de Botulismo Tipo C em cão. Ciênc. vet. Tróp. 2008; 11 (2/3): p. 86 - 89.

Ana Sílvia Dagnone
é médica-veterinária, mestra e doutora. Diretora Clínica Veterinária Vets Care Pets
Joice Lara Maia Faria
é médica-veterinária

CRESCENDO EM TAMANHO E MISSÃO

DECHRA REALIZA EVENTO PARA COMEMORAR A EXPANSÃO DE COMPLEXO INDUSTRIAL, COLOCANDO O BRASIL COMO POTENCIAL ESTRATÉGICO PARA A EMPRESA

» **CLAUDIA GUIMARÃES**

claudia@dc7comunica.com.br

A Dechra anunciou a ampliação de seu complexo industrial localizado em Londrina, Paraná, em um evento no dia 6 de dezembro. Com um investimento de R\$ 21,5 milhões, a estrutura foi expandida de 10.367 m² para 12.035 m², reafirmando o compromisso da empresa com o mercado brasileiro e latino-americano. Essa expansão representa não apenas um marco na consolidação da presença da Dechra na região, mas também um importante passo para fortalecer sua capacidade produtiva e garantir ainda mais qualidade em seus produtos.

O projeto de ampliação envolveu diretamente 190 profissionais e trouxe melhorias significativas para os setores de qualidade. Uma das principais iniciativas foi a criação de sete novas posições especializadas, voltadas para o controle de qualidade, e a aquisição de equipamentos modernos, que totalizaram um investimento adicional de R\$ 3,2 milhões. Essas medidas permitem um maior volume de testes internos e asseguram produtos com os mais altos padrões de eficácia e segurança.

A diretora Financeira da Dechra Brasil, Pamela Gabriela Maestro, destacou que o Brasil é um hub estraté-

gico para a expansão geográfica da empresa na América Latina. “A ampliação do nosso complexo industrial e o novo laboratório nos permitem realizar testes com maior agilidade, além de reduzir custos, tornando-nos ainda mais competitivos no mercado”, afirmou Pamela. O novo laboratório também contribui para que a Dechra atenda à crescente demanda do setor de forma eficiente, garantindo maior flexibilidade e capacidade produtiva.

A escolha do Brasil como sede para essa expansão reflete o potencial de crescimento do mercado local, que ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de



saúde animal. Segundo o diretor Industrial, Álvaro Negrisoni Neto, Londrina tornou-se um ponto estratégico para a Dechra desde a aquisição de uma empresa. “Temos muito orgulho de chamar Londrina de casa. Este investimento reafirma nosso compromisso com a cidade e com o mercado brasileiro”, declarou Negrisoni Neto.

Durante a coletiva de imprensa que marcou o evento, André Paleari, diretor Geral da Dechra para a América do Sul, ressaltou o dinamismo do setor de saúde animal e as perspectivas positivas para a recuperação do mercado de bovinos em 2024. Paleari destacou que cerca de 80% dos produtos comercializados pela Dechra no Brasil já são fabricados localmente. “Nosso objetivo é aumentar esse índice e reduzir ainda mais os prazos para controle de qualidade, acelerando o lançamento de novos produtos no mercado”, explicou ele.

Como parte do processo de modernização, a equipe de qualidade da Dechra recebeu um total de 330 horas de treinamento, capacitando os profissionais para operar os novos equipamentos e implementar melhorias no controle de qualidade. Negrisoni Neto en-

Dechra expande operações em Londrina (PR) e impulsiona o mercado de saúde animal na América Latina



Diretoria da Dechra

fatizou que os testes realizados seguem rigorosas normas nacionais e internacionais, assegurando que os produtos entregues aos clientes sejam eficazes, seguros e da mais alta qualidade.

O compromisso da Dechra com a inovação também foi destacado pelo diretor de Marketing para o Brasil e América Latina, Alessandro Orsolini. Ele mencionou a liderança da empresa em especialidades veterinárias e o foco em tecnologias de ponta, como o desenvolvimento de anticorpos monoclonais. “Essa tecnologia nos posiciona na vanguarda do segmento de saúde animal, garantindo soluções inovadoras e eficazes para nossos clientes”, afirmou Orsolini.

Além disso, a Dechra consolidou sua liderança no segmento de endocrinologia veterinária no Brasil, oferecendo um portfólio robusto e diversificado de produtos. Orsolini destacou que a empresa tem um DNA forte de inovação e tecnologia, especialmente na linha pet, onde seus produtos são reconhecidos como a primeira opção de tratamento para diversas condições de saúde animal.

O cenário brasileiro de saúde animal apresenta oportunidades significativas, e a expansão da Dechra em Londrina reforça sua capacidade de atender às demandas locais e regionais com eficiência e qualidade. Com uma

infraestrutura modernizada, treinamentos especializados e uma equipe altamente qualificada, a Dechra está bem posicionada para continuar crescendo no mercado latino-americano e mantendo sua reputação de excelência no setor de saúde animal.

Os investimentos realizados pela Dechra não apenas refletem seu compromisso com o Brasil, mas também sua visão de longo prazo para a América Latina como um todo. Com iniciativas voltadas para inovação, treinamento e infraestrutura, a empresa está preparada para liderar o segmento de saúde animal, oferecendo soluções que impactam positivamente tanto os profissionais de veterinária quanto os tutores de animais de estimação e produtores rurais. ■

Alessandro Orsolini é diretor de Marketing para o Brasil e América Latina





PREVENÇÃO

A SAÚDE
ANIMAL
EM FOCO

2025: O ANO
DA SAÚDE
PREVENTIVA.
**JUNTE-SE
A NÓS!**



A Cães & Gatos está lançando a campanha de prevenção anual para cães, gatos e animais silvestres. Para médicos-veterinários e zootecnistas, ofereceremos **conteúdos técnicos exclusivos**, que trazem as últimas inovações científicas e práticas para prevenir e tratar doenças de maneira eficaz e integrada. Além disso, destacaremos **produtos e soluções mais modernas**, que podem ser decisivas na abordagem preventiva e no tratamento de condições inesperadas.

O que você vai encontrar:

- 1** **Edições mensais com conteúdo especializado sobre prevenção:** vacinação, controle de parasitas, nutrição preventiva, cuidados dentários, entre outros.
- 2** **Suplemento "Guia de Prevenção",** com um conteúdo técnico direcionado aos profissionais da área e dicas práticas para compartilhar com tutores.
- 3** **Colunistas especializados:** médicos-veterinários e zootecnistas convidados a compartilhar suas expertises em artigos exclusivos.
- 4** **Conteúdo digital e interativo,** incluindo entrevistas com especialistas, vídeos, e ações nas redes sociais.
- 5** **Eventos de destaque:** Cobertura dos principais eventos do setor em 2025.

Não perca a chance de estar à frente na prevenção da saúde animal!

Acompanhe as nossas plataformas de comunicação e se conecte com o futuro da Medicina Veterinária e do cuidado com pets



Revista
Impressa
e Digital



Portal
de Notícias



Newsletter



Redes
Sociais



Google
News

SEJA LÍDER EM
SAÚDE PREVENTIVA.
ENTRE EM CONTATO
E IMPULSIONE SUA
MARCA COM A
CÃES & GATOS!



caesegatos.com.br

   /revistacaesegatos  /caesgatos

cães
gatos





OS DESAFIOS DA DERMATITE ÚMIDA EM PREGUIÇAS DE CATIVEIRO

› ISABELLA FERNANDES DO NASCIMENTO

A dermatite úmida, também conhecida como “hot spot” em mamíferos, é uma condição cutânea relativamente comum em preguiças mantidas em cativeiro, onde a umidade, a falta de ventilação adequada, exposição a superfícies não naturais, o calor e a presença de bactérias na pele geram inflamações que causam desconforto e até complicações graves se não tratadas. Preguiças de três e dois dedos, principalmente em áreas tropicais e de florestas densas, possuem uma série de adaptações para manter sua pelagem saudável. No entanto, a interação prolongada com am-

bientes urbanos pode prejudicar esse sistema e predispor tal patologia.

A condição se manifesta como lesões vermelhas, inchadas e dolorosas na pele, inflamadas e com secreção, onde a pelagem pode se soltar ou aparecer mais úmida devido à exsudação. Isso ocorre quando a pele fica irritada ou lesionada, proporcionando um ambiente propício para a proliferação de bactérias e fungos. Em condições naturais, os fungos e bactérias que vivem na pele e pelagem do bicho-preguiça coexistem de forma harmônica, inclusive auxiliando na sua camuflagem, assim como em outros animais, por exemplo a relação entre o estorninho e o búfalo, em que o estorninho ingere os carrapatos do búfalo. Ou então na *B.torquatus*, preguiça-de-coleira, em que há relação da pelagem da preguiça e algas, ou seja, gerando uma interação benéfica para ambas as espécies, conhecida como simbiose. No entanto, o estresse, má alimentação e ambientes artificialmente úmidos (como gaiolas) podem comprometer essa relação e tornar esses microrganismos prejudiciais.

A dermatite úmida em preguiças é, geralmente, desencadeada pelo acúmulo de umidade na pelagem, que pode ser causado tanto por »





fatores ambientais quanto pelo próprio comportamento do animal. Elas são animais arborícolas que, em condições naturais, raramente estão expostas a superfícies sólidas e molhadas. Sendo assim, em centros de reabilitação, onde as preguiças são frequentemente mantidas em recintos fechados, esse ambiente pode acelerar a formação de lesões. Além disso, o estresse causado por novos locais e o contato frequente com cuidadores podem diminuir o sistema imunológico do animal, aumentando a vulnerabilidade a infecções de pele. Outros fatores como lesões na pele, coceiras ou mordidas de parasitas também contribuem para o desenvolvimento da doença, uma vez que essas áreas são rapidamente colonizadas por bactérias. A alimentação também tem impacto significativo, pois as preguiças necessitam de uma dieta rica em folhas e outros vegetais fibrosos que promovam a saúde da pele e pelagem. Uma dieta inadequada em cativeiro pode diminuir a imunidade, facilitando o desenvolvimento de dermatites.

Os principais sintomas já descritos ocorrem geralmente em locais onde a umidade é retida, como entre os membros ou no abdômen. Pode-se analisar visualmente, a pelagem ao redor das lesões estar caída ou embaraçada, e o animal pode mostrar sinais de desconforto ao tocar ou coçar essas áreas, além disso pode apresentar comportamento irritado sem algum manuseio embora seu comportamento natural seja de baixa atividade e dificuldade a identificação de dor. O diagnóstico é baseado, em alguns casos, em amostras da área afetada que são coletadas

para identificar o tipo de bactéria ou fungo presente, o que auxilia no direcionamento do tratamento adequado.

Logo, para o diagnóstico, o exame visual é o primeiro passo, no entanto em casos mais graves, a retirada de amostras da lesão pode ser necessária para identificar o agente infeccioso (bactéria ou fungo) e definir o tratamento adequado. Por fim, os exames histológicos devidamente realizados podem identificar o nível de inflamação alcançado e os possíveis danos nos tecidos subjacentes.

O tratamento é bem parecido com o que é feito em pequenos animais, como cães e gatos. Ele envolve a limpeza da área afetada com soluções antissépticas e, dependendo da gravidade, a administração de antibióticos ou antifúngicos tópicos quando a infecção bacteriana ou fúngica é confirmada. Em casos mais extremos, pode ser necessário o uso de antibióticos sistêmicos para combater a infecção de dentro para fora. É fundamental a melhoria do ambiente, portanto a redução da umidade e das condições de ventilação do recinto. Mantê-las em ambientes com temperatura controlada e permitir a exposição moderada ao sol ajudam na prevenção da dermatite úmida em outros animais do recinto e, conseqüentemente, são essenciais para evitar recidivas. Além disso, é importante minimizar o manuseio excessivo dos animais e limitar os movimentos para que o animal permaneça calmo. Em resumo, é imprescindível fornecer um habitat que simule ao máximo as condições naturais, permitindo que os microrganismos benéficos continuem protegendo a pele e o pelo do animal.

Em centros de reabilitação e zoológicos, a dermatite úmida pode representar um desafio significativo, pois é um indicativo de que o local não está atendendo às necessidades biológicas do animal. Os cuidadores devem estar atentos aos primeiros sinais de dermatite, já que uma intervenção precoce pode evitar complicações e garantir o bem-estar do preguiça. Esses centros também desempenham um papel educativo ao informar o público sobre as necessidades específicas dos preguiças e os cuidados necessários para evitar doenças em cativeiro.

Em suma, a dermatite úmida e outras patologias associadas ao cativeiro é um lembrete da importância de adaptar os cuidados e ambientes à biologia e comportamento únicos desses animais. Além de proporcionar um ambiente adequado, é essencial que haja uma conscientização contínua sobre as necessidades específicas das preguiças, garantindo que elas tenham o suporte necessário para viverem de modo saudável quando retornarem para seu habitat natural, se for possível, ou então para continuar no cativeiro. ■

Referências bibliográficas

1. Thompson, A. Parasite zoonoses and wildlife: One health, spillover and human activity. *Int. J. Parasitol.* 2013,43, 1079-1088. [CrossRef] [PubMed]
2. Kissia Ferreira Pereira, Robert John Young, Vaner Boere and Ita de Oliveira e Silva. *Urban Sloths: Public Knowledge, Opinions, and Interactions*
3. Vendl, C., Frei, S., Dittmann, M.T., Furrer, S., Ortmann, C., Ortmann, S., Munn, A., Kreuzer, M. and Clauss, M., 2015. Digestive physiology, metabolism and methane production of captive Linné's two-toed sloths (*Choloepus didactylus*). *Journal of Animal Physiology and Animal Nutrition.*
4. Gilmore, D.P.; DA Costa, C.P.; Duarte, D.P.F. Sloth biology: An update on their physiological ecology, behavior and role as vectors of arthropods and arboviruses. *Braz. J. Med. Biol. Res.* 2001,34, 9-25. [CrossRef] [PubMed]
5. Sloth conservation: About Sloth Parasites
6. L S Diniz 1, P M Oliveira: Clinical problems of sloths (*Bradypus* sp. and *Choloepus* sp.) in captivity [PubMed]
7. Sloth conservation: Forests, the sloths' home
8. Gastón Andrés Fernandez Giné a, Camila Righetto Cassano a, Sabrina Souza de Almeida, Deborah Faria: Activity budget, pattern and rhythm of maned sloths (*Bradypus torquatus*): Responses to variations in ambient temperature [Sciencedirect]

Isabella Fernandes do Nascimento
é aluno do curso de Medicina
Veterinária da FMVZ-USP
e membro da Liga Geas

ANIMAL HEALTH SCIENTIFIC FORUM ONDE OS LÍDERES SE ENCONTRAM

Aprenda com especialistas
e atualize seus conhecimentos
em 29 áreas da Saúde Animal.

Encontre conteúdos de alto valor, direcionados a profissionais e estudantes de medicina veterinária. Oportunidade única de aprimoramento técnico e crescimento profissional.

Inscriva-se agora e garanta sua presença no evento que transforma o setor de saúde animal! Visite a feira, participe do fórum e esteja um passo à frente no mercado.



Faça sua inscrição com um cupom, como o da Revista Cães e Gatos e garanta 40% de desconto. Associados de entidades de classe parceiras ganham 50% de desconto. animalhealthexpoforum.com.br/forum

FULL PASS ACESSO TOTAL A TODOS OS DIAS E FÓRUMS CIENTÍFICOS PROFISSIONAL DE R\$ 697,00 com cupom de 40% R\$ 778,20 ESTUDANTE DE R\$ 208,00 com cupom de 40% R\$ 544,80	ONE PASS ACESSO A ÚNICO DIA ESCOLHIDO PROFISSIONAL DE R\$ 297,00 com cupom de 40% R\$ 358,20 ESTUDANTE DE R\$ 118,00 com cupom de 40% R\$ 250,80
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

18 A 20
FEVEREIRO
SÃO PAULO
BRASIL
2025

FEIRA INTERNACIONAL DE SAÚDE, BEM-ESTAR E NUTRIÇÃO ANIMAL

ANIMAL
HEALTH EXPO FORUM

in @ f X

@animalhealthexpoforum

*Aplicar o cupom CAESEGATOS40 para obter 40% de desconto na sua inscrição.

EXPO CENTER NORTE
Centro de exposições e convenções

▷ TOME NOTA

Sthefany Lara, da redação | sthefany@dc7comunica.com.br

NANISMO

RESULTADOS NOTÁVEIS

MÉDICOS-VETERINÁRIOS TRATAM **CHIHUAHUA COM NANISMO** POR MEIO DE TRATAMENTO HORMONAL

▷ **STHEFANY LARA, DA REDAÇÃO**
sthefany@dc7comunica.com.br

UMA CHIHUAHUA chamado Pixie, diagnosticada com uma rara condição de nanismo hipofisário, alcançou um marco significativo em seu desenvolvimento graças a um tratamento pioneiro com injeções hormonais. Aos seis meses de idade, Pixie pesava menos de 500 gramas, apresentava baixos níveis de energia, descoordenação e ainda possuía dentes de leite. Após ser encaminhada ao Hospital de Pequenos Animais da Royal (Dick) School of Veterinary Studies, veterinários especialistas iniciaram um protocolo com injeções de progesterona, estimulando a produção de hormônio do crescimento pelas glândulas mamárias do animal.

O tratamento trouxe resultados notáveis: em nove meses, Pixie triplicou de peso, alcançando níveis normais

de energia e uma condição corporal saudável. Ela passou a regular seus níveis de glicose, permitindo que suas refeições fossem reduzidas para apenas duas por dia. A equipe responsável, liderada por Alisdair Boag, destacou que o nanismo hipofisário é uma condição extremamente rara, caracterizada pelo subdesenvolvimento da glândula pituitária, que compromete a produção de hormônios essenciais para o crescimento físico e mental.

Embora Pixie precise de tratamento hormonal contínuo e permaneça menor que o padrão de sua raça, seus veterinários estão otimistas com a qualidade de vida que ela poderá desfrutar. "É muito gratificante ver a diferença positiva que podemos fazer para nossos pacientes e seus donos", afirmou o veterinário. ▣



Pixie (à esq.) com 500g e depois (dir), ao lado do irmão, com peso adequado

Tô com
Golden[®]
e não mudo

Ter um pet muda sua vida.
Escolher o que ele come muda a dele.



Sem corantes
e aromatizantes
artificiais.

Linha completa para todas as necessidades e fases da vida.

SOMENTE NOS MELHORES PET SHOPS

PremieRpet[®]

SAIBA MAIS



marbox-leish[®]

A dose certa na remissão da sintomatologia clínica da leishmaniose visceral canina

- ☞ **Formulação exclusiva** para esta indicação
- ☞ **Eficácia comprovada** na remissão da sintomatologia clínica da leishmaniose visceral canina
- ☞ **Alta segurança** (efeitos colaterais reduzidos)
- ☞ **Comprimidos palatáveis e sulcados**
- ☞ Duas apresentações, **maior precisão na dosagem e facilidade na administração**



uso veterinário



Saiba mais em:
www.ceva.com.br

SAC 0800 770 0355
sac@ceva.com

